ANO 19.º QUINTA-FEIRA, 1 DE JUNHO DE 1939 N.º 5935

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

LIMALHAS

Num artigo que publicou no «Diario da Manhã» Antonio Olivais ocupa-se da «Ponta de Sagres», colocando no seu posto o Infante que fundou o Imperio, que é como quem diz—a gloria da raça lusa.

Enquanto uma certa e malfadada erudição historica se move atrabiliariamente para deminuir a sua figura, que vem do passado até hoje, como o andar dum gigante que caminha da Acropole ao Pantheon, a civilização moderna exalta-o como um dos seus fundadores.

■

Um jornalista francês inquire:

—Quando é que o problema da natalidade achará, entre nós, a sua solução?

Ha cousas que não se preguntam, a não ser para nos envergonharmos.

■

Neste momento, está em moda falar da paz. Tudo são negociações para manter a paz. Aquilo que não existe ou está em vesperas de perder-se vive exclusivamente pelo rasto de saudade que deixa.

■

Da carta dum «velho leitor» tiramos isto:

—«Que acontecerá, no dia em que os principios morais deixarem de ser defendidos pelas pessoas de bem?».

Muito convem não confundir pessoas de bem com pessoas de bens, porque estas frequentemente fazem as suas «sementeiras» frutuosas, em terrenos situados «Além do bem e do mal»—o país milagroso de Nietzche e outros Anti-Christos sem patria.

■

O presidente duma americana «Sociedade de temperança» demitiu-se do seu cargo, por não poder cumprir os deveres respectivos.

Chama-se a isto ter mais apetite que fé na cruzada redentora.

Um glutão é capaz de trair até a verdade, por um prato de lentilhas!

■

—Caminhamos para onde? De quem devemos defender-nos—de nós ou dos outros?...

Todos nós sabemos que, na hora que vai soando na Torre dos Enganos, os pobres mortais andam ás cegas como os cabritinhos abandonados pelos pais indiferentes.

■

Eduardo Noronha escreveu um formoso romance com o titulo de «Alfama». O antigo jornalista não se esquece de que Lisboa, a-pesar-de tanto haver crescido, tem de voltar ao bairro da sua origem para perceber que perdeu a inocencia.

■

Ousamos preguntar a Ramada Curto e a Alfredo Pimenta:—Quando é que os senhores se abraçam?

A demora em delicadissimos assuntos desta especie é sinal de fraqueza. Sejam quais sejam as ideias de dois homens honestos e inteligentes, o sentimento não conta os passos que os separam nem as pedras da estrada.

■

O Beato João de Brito foi pagem de D. Pedro II. Serviu o rei, mas não quis ser seu vassalo. Deixou um dia a côrte e partiu para muito longe—a ensinar e a evangelizar. O seu nome, em Portugal, parece uma estranha novidade. Chegou a hora de ele regressar do longinquo Maduré, reatualizando a sua obra de prégador e apostolo.

AS MULHERES

Foi Tomás Colaço quem lançou, nas colunas do «Diario de Lisboa», a ideia de chamar as mulheres a uma colaboração directa e brilhante, nas comemorações do duplo centenario. Sabemos que não prègou no deserto, visto que muitas, entre as que leram o artigo do nosso prezadissimo colaborador, lhe deram o seu franco aplauso.

Realmente não se compreende bem que em festas, que devem ter o caracter de altas afirmações da raça, no seu enorme percurso historico, elas não colaborem ostensivamente, imprimindo-lhes a nota particular e inconfundivel da sua sensibilidade e da sua inteligencia.

O homem em geral conta sómente consigo, deixando-lhes, munificentemente, o papel secundario que cabe á encenação, nas peças de grande espectaculo. Há nisto a conhecida tendencia para o monopolio — do forte sôbre o fraco, do inventor sôbre a coisa inventada.

Em todos os países que se prezam de civilizados esta maneira beduina de proclamar uma superioridade, que se funda em titulos assás precários, está em decadencia. A mulher é companheira do homem, mas tambem no sentido de colaboradora que o inspira, o auxilia e o fortalece nas tarefas ingentes a que ele se vota.

Existirá acaso alguem capaz de julgar que, na fundação e restauração de Portugal, as portuguesas não intervieram com a sua fé, a sua fraqueza forte, o seu entusiasmo e o seu animo valoroso?

Escusamos de citar as mãis que armaram cavaleiros os seus proprios filhos e lhes disseram, num gesto heroico de abnegação:

— Vai e luta pela Patria, que serás duplamente meu filho!

As mais humildes — irmãs dos soldados valentes que partiram, arrancando-se á terra que lavravam e semeavam — cumpriram o seu dever exemplarmente, sem que as cronicas lhes fizessem quaisquer referencias.

Razão tem, pois, Tomás Colaço para não sofrer que as mulheres de hoje se conservem, apagadamente, modestamente, ás janelas, quando os pomposos cortejos encherem as ruas, com as evocações dum deslumbrante passado que foi simultaneamente heroico e cristão.

Achamos digno de aplauso que, nas principais terras do país, especialmente nas fronteiriças, se constituam comissões de senhoras que tomem a peito celebrar os egregios feitos dos quais nasceu o legitimo orgulho e a segurança de Portugal.

Por que não se ha de criar em Lisboa o centro director — detestamos a designação de «comité» — que oriente e encaminhe a nova cruzada feminina, votada á patriotica missão de firmar ainda mais nos corações a crença de que os *Lusiadas* são uma fonte imortal de esforço e juventude?

O esplendor dos centenarios ganhava assim, em largueza e em vigor, expressivo, uma significação e um equilibrio que representaria melhor a nação na sua totalidade. Porque é bom não olvidar como tudo quanto se fez de notavel em Portugal obedeceu ao signo da «fé e do imperio».

Recusar á Cruz a representação a que ela tem direito — ontem, hoje e amanhã — na ressurreição dos nossos prodígios e dos nossos sacrifícios, seria mutilar o pensamento de Salazar.

A quem ficaria melhor do que ás mulheres portuguesas erguê-la, a tôda a altura da nossa história, dentro das Sés e velhos Templos venerandos, não na atitude simbólica de acordar uma apagada memória, mas sim como cousa viva, imperecivel, que domina e não é dominada pelos acontecimentos?

Acaso a Sé de Lisboa, tão intimamente ligada à nossa independência e ás manifestações do génio nacional, não está naturalmente indicada para recolher, num jubiloso festival da Cruz Triunfante, as preces das mulheres portuguesas?

Confiamos em que Tomàs Colaço, escritor que sente a Pátria e artista que a modela na sua obra de poeta, não abandone ao deus-dará um assunto tão digno da sua vocação de português.

Paineis de Tarouca

Do gabinete do sr. ministro da Educação Nacional recebemos a seguinte nota:

«Ao contrario do que pode depreender-se da noticia publicada no «Diario de Lisboa», de 29 de maio de 1939, os danos sofridos pelas tábuas quinhentistas da igreja de S. João de Tarouca não são de data recente e aparecem ali exagerados.

O povo de S. João de Tarouca, depois da intervenção a que se seguiu a visita do sr. ministro da Educação Nacional, entendeu a vantagem que havia no restauro urgente dos quadros da sua igreja, os quais para ali voltarão depois de figurarem na exposição de pintores portugueses dos seculos XV e XVI, que se realiza em Lisboa no ano de 1940».

Ingratidão

Em Paris, no «Jardin des Plantes», um arabe, com a intenção de demonstrar como as feras compreendem os belos gestos humanos, saltou as barreiras prtectoras e aproximou-se da jaula dos leões. Introduziu pelas grades o braço direito com uma porção de cogumelos que apanhara num terreno vizinho.

Como lhe agradeceram os reclusos a amavel oferta?

Um velho leão do Atlas esmigalhou-lhe a mão e com uma das patas lacerou-lhe o ante-braço.

Ficou desta sorte demonstrado, mais uma vez, que o rei dos animais interpreta os homens e as suas generosidades como artigos de caça. Se nós lhe roubamos a liberdade, para que havemos de pensar em lhe atribuir uma alma de escravos?

D. Deniz

O sr. dr. Julio Dantas, reuniu ontem os representantes das actividades economicas, a-fim de lhes propôr que ao rei Lavrador se levante um monumento.

Quem lhe negará o seu aplauso?

Como uma cousa não prejudica a outra, lembramos que se cuide a serio do tumulo do rei D. Diniz que se encontra, na igreja do mosteiro de Odivelas—bastante abandonado, por sinal.

A nação deve aos mortos que a criaram e honraram um respeito que não tolera nem esquecimentos, nem profanações.

Significação

Começaram hoje as manobras de verão da esquadra inglesa da «Home Fleet», nas quais tomam parte setenta navios.

Estas manobras, como as das esquadras de todas as grandes potencias navais, não constituem excepção; anual e periodicamente se realizam para adestramento do pessoal, e em obediencia a planos de instrução.

Sucede apenas que no actual estado de tensão internacional, estes exercicios de conjunto tomam volume e conduzem, mesmo, a fantasticas suposições.

Os oficiais portugueses que se encontram a bordo são os unicos de países estrangeiros que foram convidados.

E este facto, sim, tem significação no quadro das relações luso-britanicas.

Do mesmo modo adquire significado o convite feito ao major general do Exercito sr. Morais Sarmento, para assistir ás manobras do exercito inglês.

Condecorado

O Chefe do Estado agraciou com a Grã-Cruz de Santiago da Espada o antigo ministro da Justiça e professor da Universidade de Coimbra sr. dr. Mario de Figueiredo.

BOLSA DE LISBOA

1 de Junho

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Consolidado 3 3|4 T. 10.	934$00	—	934$00
Consolidado 4 °|2 T. 10.	985$00	984$00	986$00
Consolidado 4 1|2 T. 10.	—	—	—
Consolidado 4 3|4 T. 10.	1.146$00	1.145$00	1.147$00
Consolidado 5 1|2 T. 10.	—	1.045$00	1.050$00
Obgs. Tesouro 3 1|2 T. 10	—	—	—
Externas 1.ª série	—	1.632$00	1.635$00
Externas 1.ª carimbadas	1.667$00	1.665$00	1.667$00
Externas 3.ª série	—	1.657$00	1.665$00
Externas 3.ª carimbadas	1.765$00	1.764$00	1.767$00
Cautelas da 3.ª serie s|j.	156$00	—	—
Acções			
Esp.S.º e Com. Lx.ª port.	—	—	—
Lisboa e Açôres port.	—	343$00	345$00
Ultramarino cp T. 10	—	23$20	23$50
Portugal port. T. 5	—	—	1.010$00
Fidelidade	—	—	22.900$0
Mundial	—	260$00	265$00
Nacional	—	—	690$00
Sagres	—	—	—
Aguas Lisboa port.	—	282$00	—
Aguas Lisboa 1934 T. p.	148$00	146$00	—
Aguas Lisboa 1936 T. p.	—	—	—
Cervejas Estrela	—	490$00	500$00
Cimentos Tejo	—	363$00	370$00
Cimentos Leiria T. p.	370$00	368$00	370$00
Credito Predial	9$50	9$40	9$60
Gás e Electricidade	252$50	252$00	253$00
Alto Alentejo 1.ª|2.ª em.	—	280$00	—
Alto Alentejo 3.ª|4.ª em.	280$00	28:$00	292$00
Industria Aliança	—	98$00	103$00
Portugal e Colonias	90$40	90$40	90$50
Nacional Navegação T. p.	158$00	158$00	158$50
Colonial de Navegação	—	53$00	60$00
Portuguesa de Pesca	—	372$00	378$00
Ind. Farmaceutica	—	—	—
Portuguesa de Tabacos	367$00	366$50	367$00
Tabacos de Portugal	—	284$00	288$00
União Electrica Portug.	—	182$00	185$00
Cassequel	—	233$00	242$00
Agricola das Neves	—	155$00	175$00
Agricultura Colonial	—	118$00	122$00
Açucar de Angola	386$00	386$00	388$00
Buzi 1.ª emissão T. p.	44$50	44$50	44$80
Ilha do Principe	170$00	169$50	170$50
Zambezia T. 25	—	14$60	14$80
Obrigações			
Norte de Portugal 5 °|o	—	105$00	—
C. P. 6 °|o	—	196$00	197$50
C. P. 6 °|o Beira Baixa	197$00	195$50	198$00
Aguas Lisboa 4 1|2 cp.	—	83$50	84$00
Prediais 5 °|o 1935	—	—	84$50
Prediais 5 °|o 1937	—	83$50	85$00
Prediais 6 °|o 1932 1.ª	—	90$50	91$00
Prediais 6 °|o 1932 2.ª	—	90$50	—
Prediais 6 °|o 1934 1.ª 3.ª	—	90$50	90$70
Prediais 6 °|o 1934 4.ª|6.ª	—	91$00	—
F. N. I. Moagem 5 °|o T. p.	930$00	927$00	930$00
União Elect. Port. 5 °|o	—	107$50	—
União Elect. Port. 6 1|2 °|o	—	112$50	—
Buzi 5 1|2 °|o T. p.	115$00	114$50	—
Buzi 6 1|2 °|o T. p.	115$00	—	—

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2 5182 RUA S. JULIÃO, 8

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110$15	110$19
New-York	23$52,0	23$53,3
Paris	$62,3	$62,3
Berlim	9$43,7	9$14,2
Madrid	2$60,7	2$60,4
Amsterdam	12$59,7	12$60,4
Bruxelas	4$00,3	4$00,6
Roma	1$23,6	1$23,7
Zurich	5$29,8	5$30,1
Rio de Janeiro	1$37,6	1$37,7
Libra ouro	—	—

Aeronautica

Carreiras transatlanticas

No aeroporto de Cabo Ruivo, amarou hoje, ás 15 e 30, o hidro-avião «Atlantic Clipper», da Pan-American Airways, que trouxe correio da Inglaterra e França para Lisboa e transportará malas postais de Portugal para a Horta e Estados Unidos, para onde parte amanhã, ás 8 horas. A ultima tiragm é feita ás 21 horas, na estação central do Terreiro do Paço.

Império-Crisos-Aviz

MAQUINAS FOTOGRAFICAS

Serve qualquer, empregando peliculas **VERITAS**. No campo, na praia, em toda a parte o amador inteligente emprega sempre peliculas **VERITAS**.

A' venda em todas as casas da especialidade.

Preços:

4x6,5	rolo	5$30 —	copia	$40
6x9	»	6$00 —	»	$50
6x11	»	7$50 —	»	$70

Representante **FOTO-ACHILES**, Av. Almirante Reis, 1-1.º andar.
(aberto aos domingos)

UMA CASA CENTENARIA

A confeitaria Rosa Araujo

reabriu esta manhã

Ontem á tarde, a nova gerencia da Antiga Confeitaria Rosa Araujo ofereceu ás autoridades, á Imprensa e a numerosos convidados, um excelente copo de agua, durante o qual se pronunciaram diversos discursos, enaltecendo as qualidades do novo proprietario e a completa transformação que por sua iniciativa sofreu aquele acreditado estabelecimento, fundado ha 130 anos pelo conselheiro Rosa Araujo, pai do presidente da Camara Municipal de Lisboa a quem a capital deve, entre outros grandes melhoramentos, a avenida da Liberdade. Como a principal especialidade daquela confeitaria eram os pasteis de «Cócó», o povo, de principio, chamou áquela arteria a avenida do «Cócó»... E é interessante registar que o fabrico dos famosos pasteis está agora entregue, naquele estabelecimento, a um neto do primitivo fabricante.

A Antiga Confeitaria Rosa Araujo — que fica na rua de S. Nicolau, á esquina da rua dos Correeiros, e que esteve fechado sete meses para obras — reabriu esta manhã ao publico que acorreu em grande numero a comprar as deliciosas especialidades da casa: os pasteis de «Cócó» e toda a pastelaria moderna, francesa, hungara e portuguesa, cujo fabrico está entregue a pessoal recrutado entre os mais competentes tecnicos.

O importante estabelecimento — que é dos melhores apetrechados para serviços de lanches e banquetes, para casamentos e baptizados, tendo uma valiosa baixela e numerosissimos pratos, copos e outros utensilios, respectivamente de Limoges, «baccarat» e cristofle — servirá almoços das 12 ás 15 e chás das 17 ás 19, passando a ser o ponto de reunião elegante por excelencia na parte central da cidade.

Numa demorada visita que fizemos ás suas magnificas instalações, completamente novas, tivemos ocasião de verificar que houve o empenho de tornar a Antiga Confeitaria Rosa Araujo não só a que melhor pode servir uma clientela escolhida, mas a mais confortavel e atraente. E do que vimos destacaremos: as 7 elegantes montras exteriores que, como as interiores, os espelhos e toda a vidraria, foram fornecidas pela «União», da rua Luz Soriano; utensilios de cobre esplendidos, dum peso total superior a tonelada e meia; iluminação profusa e moderna; cozinha higienica, com pessoal competentissimo; boa copa; maquinas para fazer café no momento proprio; um poço proprio, com boa agua; duches e vestiario para o pessoal; grande fôrno iluminado electricamente; depositos de carvão e de madeira perfeitamente isolados; e além de tudo isto, empregados e empregadas habilitadas tecnicamente e da maior solicitude para com a clientela.

Abre amanhã a bilheteira para a grande corrida de domingo no CAMPO PEQUENO, na qual serão lidados toiros de Infante da Camara, pelos aplaudidos novilheiros

Rafael Ortega «Gallito» e Carlos Arruza

e pelos consagrados «ases» do toureio a cavalo

Nuncio e Lopes

O grupo de forcados de Alcochete, chefiado por Artur Garrett, tentará pegar todos os toiros

PREÇOS: Sombra, 20$00; Sol, 10$00, 7$00 e 5$00.

KELVINATO...?

... e tambem para os filhinhos de V. Ex.ª...

O primeiro bispo negro

O nosso ilustre colaborador sr. dr. Queiroz Veloso, informa-nos, amavelmente, com a sua autoridade de historiador, que os dois negros que Pio XII fez agora bispos não são os primeiros.

No seculo XVI um rei de Portugal solicitou do Papa Leão X que fosse elevado áquela dignidade um filho do rei do Congo. Chamava-se Henrique e foi nomeado bispo de Utica, «in partibus».

não é uma pasta vulgar!

EVITA o clorato de potassio ás pessoas que fazem tratamento mercurial ou bismutico.

TRATA gengivas descarnadas ou sangrentas

OLIMPIA CLUB

HOJE — ESTREIA DOS ARTISTAS EXCENTRICOS OS 3 SALOIOS

Originalissimo número português, composto de três impagáveis clowns

NOVOS BAILADOS PELA ENCANTADORA **BÉBÉ DIAMANTE**

Noticias da Arcada

Ministerio da Guerra

Foi determinado que sejam admitidos nos diversos cursos da Escola Militar, no ano lectivo 1940-1941 os seguintes alunos: 60 de infantaria, 18 de artilharia, 20 de cavalaria, 8 de engenharia e 16 de aeronautica.

Ministerio da Marinha

Foi mandado ficar ao serviço de levantamentos hidrograficos, o navio de guerra «Lidador» que fazia parte da esquadrilha de fiscalização da costa sul.

Concurso hipico internacional

A chegada da «équipe» italiana

A bordo do paquete «Vulcania», chegaram hoje a Lisboa os cavaleiros italianos que vêm tomar parte no concurso hipico internacional. São dois civis, os srs. Alessandro Alvisi e Ricardo Angelo e dois capitães do exercito, os srs. Pogliaga Defendete e Luigi Codeia. No entreposto de Alcantara eram esperados pelos srs. ministro de Italia e por varios membros da colonia italiana, pela direcção da Sociedade Hipica e por numerosos desportistas civis e militares.

Os cavaleiros italianos são recebidos ás 18 horas na legação do seu pais e ás 20 horas na Sociedade Hipica Portuguesa.

Vida artistica

Exposição Sara Afonso

No dia 3 de junho, será inaugurada, no Secretariado da Propaganda Nacional, a Exposição da pintora Sara Afonso que deve ser um acontecimento na nossa vida artistica.

A Exposição de Nova York

Largou esta tarde do cais do Posto Maritimo de Desinfecção o paquete italiano «Vulcania», que vem de Italia e segue para Nova York. Embarcaram os artistas portugueses Francis, Virginia, Soler, Ercilia Costa e Claudina. Vão tambem 17 operarios de varias profissões com destino á Exposição Internacional daquela cidade.

APRENDA A DANÇAR

Lições, Treinos, com senhoras, **desde 5$00.** Horas a escolha. Prof. Machado. — **R. dos Fanqueiros. 286, 1.º, ao Rossio.** Telef. 22465.

Leia hoje o

fixe

AMIAL

CALÇADO DE FERRO

Para homem, senhora e criança

Compre e verá!

Para a praia e campo

Os verdadeiros chapeus de S. Miguel só se vendem na Casa Regional da «Ilha Verde», onde acabam de chegar novos modêlos.

Rua Paiva de Andrada, n.º 4 (ao Largo do Chiado)

VERBENA DE SANTA CATARINA

(aos Paulistas)

Hoje ás 21 horas, inauguração sob a gerencia de **José Miguel**, proprietario do **Café Mondego.** No programa: **Maria do Carmo Torres, Maria Carmen, Margarida Pereira. Lucilia do Carmo, Natividade Pereira, Brigida Silva, Maria Pereira, Mariana Chagas, Alberto Ribeiro, Domingos Silva, Frutuoso França, José Pereira,** etc **Baile** abrilhantado pela aplaudida **Orquestra Tipica «Os Teimosos».** — **Bar — Cervejaria — Farturas - Divertimentos. Recinto proprio para familias.**

RETIRO DA SEVERA Telefone 25979

HOJE NOITE DA MODA — Sensacional Programa! — Apresentação dos Espectaculos Mixtos de Fados e Variedades, com uma Orquestra de Guitarras, Violas e Acordeon, com Armandinho, Jaime Santos, Fernando d'Albuquerque (Acordernista), Santos Moreira e Abel Negrão. Fados por Maria do Carmo Torres Adelina Ramos, Alfredo Marceneiro, Domingos Silva e Xavier Pinto.

VARIEDADES, pela distinta actriz **Carminda Pereira** e actor-cantor **Carlos Sampaio.**

Entrada Esc. 3$50 Consumo 2$50

Jantares a 12$00 — Primoroso Serviço a Lista

«Aldeia em festa»

No proximo dia 12, depois da procissão das velas no adro da igreja de Nossa Senhora de Fatima, será inaugurada num parque a «Aldeia em Festa» cujo produto reverterá a favor das crianças da catequese da freguesia.

Cada bilhete reservado, com garantia de lugar, custará, incluindo o selo, 7$50. A respectiva contabilidade estará confiada ao padre Alberto, que será coadjuvado pelo sr. Antonio Pimenta dos Santos.

E' reservado o direito de admissão, havendo muitos pedidos para aqueles bilhetes que são destinados ao corpo diplomatico e á nossa melhor sociedade.

Antes, haverá uma recepção á Imprensa, em que será servida uma «Merenda aldeã», e á noite haverá a «Romaria de Santo Antonio», dedicada especialmente aos namorados e aos noivos.

A-fim-de figurarem na cronica mundana do jornal impresso na «Aldeia» os seus nomes, pede-se ás pessoas interessadas que façam já os seus pedidos de bilhetes.

3.000 contos!

A primeira pagina do «Sempre Fixe» de hoje, impressa a duas côres, é uma engraçada «charge» de Francisco Valença aos cartazes anunciadores da lotaria de Santo Antonio.

A ultima pagina, tambem bicolôr, é um delicioso desenho de Stuart Carvalhais, sobre a vida á beira do Tejo.

Os outros desenhos são de Stuart, Baltazar, Fernando Bordallo, Pargana, Calderon Danis e «Zé da Bola».

Além de variada colaboração literaria em prosa e em verso, ha duas secções que merecem referencia especial: o suplemento literario de «Letras e tretas»—que publica «Uma página maluca—e «Rebola a bola» (comentarios aos acontecimentos desportivos».

A «Semana das Rosas» na Curia

CURIA, 31.—Como nos anos anteriores, mas com mais interesse e entusiasmo, realizou-se no passado domingo, nos jardins do Palace da Curia, a abertura da «Semana das Rosas».

No domingo, 4, de tarde, no elegante e espaçoso «dancing» da piscina-praia «Paraiso», realizar-se-á um «chá-dansante», abrilhantado por uma grande orquestra, e dedicado aos visitantes.

Nesse dia, encerramento da «Semana das Rosas», a C. P. organizará um comboio especial a Coimbra e á Curia, que partirá do Rossio ás 8 e 10.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 2 — Santo Marcelino Pedro e Erasmo Martires.

Lausperene, está na igreja de Nossa Senhora do Socorro; ás 12, missa; ás 18, Terço de bemditos.

Trezena a Santo Antonio, por musica: Santo Antonio da Sé, ás 10; Madalena e Ordem 3.ª a Jesus, ás 18; Conceição Nova, ás 19; Vitoria, ás 20,30; Asilo de Santo Antonio, S. Nicolau e capela das Dores em Belem, ás 21.

"Diario de Lisboa,,

Do chefe do gabinete do sr. ministro da Educação recebemos o seguinte oficio:

«Em nome do Comissariado Nacional da «O. N. M. P.» tenho a honra de testemunhar a V. a expressão do nosso reconhecimento, pela colaboração que o jornal da sua mui digna direcção dispensou á «M. P.» durante o I Congresso Nacional, ha dias encerrado».

IMPRENSA

«O jornal da Mocidade Portuguesa»

Almada Negreiros desenhou uma interessante pagina simbolica para o numero de «O jornal da M. P.» comemorativo do 28 de Maio—que se publicou com oito paginas e que inseriu variada e interessante colaboração de diversos dirigentes e filiados, bem como varias fotografias em ocogravura.

Viajantes

Partiu para as Termas de Melgaço, onde dirige os serviços laboratoriais, acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Maria Amelia Fialho Costa, o sr. dr. Eduardo Costa, nosso prezado amigo.

Jardim Zoologico

O Bufete DEIXOU DE SER

FORNECIDO pela Confeitaria Aurea.

Quinta-feira

por Norberto de Araujo

O mar é destino

Em certos povos o mar é ao mesmo tempo uma tentação, uma profissão e um destino.

Não podem fugir a ele. O mar faz parte da sua terra.

Dentro dêsses países ha regiões mais sujeitas que outras á atracção do mar: são, como é naturalissimo, as dos litorais.

De tanto contemplarem o Oceano os homens em lhe perderem o respeito perderam-lhe o medo. Adormeceram ao seu embalo, e, porque afizeram os olhos ás distancias, criaram dilatados sonhos que pelas aguas vão longe.

Esses povos desde seculos tomaram aos Oceanos um amor que se transmite pelo sangue, através de mil gerações. E' um amor consciente e sagrado que toma proporções de paixão.

Felizes dos povos maritimos e marinheiros que dizem de preferencia «o mar é o meu destino», diante de outros que podem apenas dizer, com orgulho fatigado: «foi o meu destino».

Ter um povo, como um homem, um destino na existencia e, sem o renegar, não o poder servir—é mais triste do que andar no mundo ao Deus dará.

Nuns povos o mar é a tentação que procura aventuras, e como já não ha terras para descobrir—porque o que os portugueses e os espanhois deixaram, nas brumas dos gelos polares, para os outros povos tardios se entreterem em descobridores, foi muito pouco—metem-se em empresas audaciosas, produto de heroica fantasia, mas nas quais o seu sustento se compraz.

Simultaneamente o mar torna-se industria: captar-lhe linhas de navegação, explorar-lhe a forma, arrancar dele progresso e sustento, eis outra agitação nos povos para quem o mar é a sua terra.

E o mar, incerto, não é contudo ingrato: os povos cujo destino é o mar são sempre mais conscientes de si do que aqueles que o tentam, forçando esse destino, apenas pelas leis da defesa e pelo imperativo da emulação.

Deixando de constituir um misterio, que hoje se guarda apenas nas estrofes poeticas e nos cartolarios—o mar de toda a gente tornou-se favorito de meia duzia de gentes.

Um grande orador português disse um dia, sôbre as aguas de um Oceano: «Mar, campo santo dos portugueses».

Os povos que mais lutaram com os oceanos, com seus misterios e suas furias, suas traiçoeiras blandicias, e sua distancia infinita que parte e chega ao mesmo sitio, os povos das lendas e realidades tragico-maritimas são aqueles fadados para os possuirem.

Por isso, ha povos que tiveram o destino do mar, do qual se afastaram quando supuseram que lá não havia mais que fazer, e ha outros que mantêm esse destino porque neles se criou sua força e razão de existencia.

O mar-brinquedo é a exaltação do mar-imensidade.

Os transatlanticos colossais, cidades flutuantes inacessiveis á furia do mar —já não dão aventuras: realizam progressos de fundo cientifico, no aperfeiçoamento das maquinas e no aproveitamento dos engenhos, erguendo a tecnica ás alturas do milagre.

Os transatlanticos são o trofeu da vitoria do homem sôbre a massa liquida, que durante milhares de anos, mesmo depois de desfeito o seu Misterio, ainda levou vantagem de gôrra com os elementos fisicos.

Então o homem — regressou. Voltou ao mar-brinquedo, ao navio-brinquedo, á proeza-brinquedo.

O acto, por exemplo, desses dois gentlemen, diplomatas da embaixada de Inglaterra em Lisboa, srs. Hogg e Chamberlayne, que ha dias partiram, sózinhos, de Inglaterra para Lisboa a retomar os seus postos, num barquinho de 14 metros e uma vela — que é senão o regresso simbolico ao mar-brinquedo, ao navio-brinquedo, á façanha-brinquedo?

Já passaram o dilatado e hostil Mar da Biscaia, ou, se lá andam hoje ainda enrodilhados, não tardarão a safar-se, porque «conhecem» o mar, esse mar que dá volta á terra toda, e está no destino do seu país.

Uma prova de ciencia nautica? Uma proeza desportiva? Uma aventura consciente? Uma simples excentricidade?

Seja o que se quiser. Eles não vão levar ao Brasil a noticia de Portugal restaurado, nem trazem consigo nenhum documento secreto daqueles que só ao mar se poderia confiar — porque o mar guarda segrêdo.

A façanha fica registada nos anais dos clubes nauticos da Grã-Bretanha e de Portugal, como um facto desportivo, cujas caracteristicas serão todas assinaladas.

Mas é mais alguma cousa do que isso.

As aventuras dos navegadores solitarios são afinal reacções do homem contra a saturação da vitoria, que á fôrça de elementos novos dá a sensação de que a luta, agora, é desigual. O mar tem o mesmo volume, o vento a mesma fôrça, mas o homem — minusculo cerebro—criou a invulnerabilidade, a impunidade do atrevimento, a certeza do seu querer, temendo apenas o nevoeiro, e esse não pertence aos oceanos.

Com fleugma, um sorriso, uma bussola e uma garrafa de Whisky para dois — F. C. Chamberlayne, coronel aviador, e o «homorable» William Hogg, fazem este «raid» simbolico para dizerem ao Oceano que a Inglaterra, a despeito de «Hood» e do «Queen-Mary» — ainda não se esqueceu.

NORBERTO DE ARAUJO

NOTICIAS DO ALGARVE

Cavalariça destruida pelo fogo

FARO, 31——Manifestou-se hoje um violento incendio numa cavalariça pertencente ao sr. Antonio Matheus dos Santos, funcionario da agencia do Banco Nacional Ultramarino, nesta cidade, na travessa de João de Deus, n.º 14.

Dado o sinal de alarme, compareceram no local os bombeiros voluntarios e municipais, que dificilmente extinguiram o incendio pela falta de agua com que lutaram.

O edificio, que não está coberto pelo seguro, ficou muito danificado. Morreu por asfixia um cavalo que ali se encontrava.

Crise de trabalho

FARO, 31—A-pesar-de se ter iniciado a época das ceifas, continua todavia, a fazer-se sentir uma crise grave de desemprego em toda a provincia e, muito essencialmente, em Olhão, onde a pesca tem sido quasi nada frutuosa pela ausencia da sardinha na nossa costa. Por isso se impõe a imediata abertura de trabalhos publicos onde os trabalhadores possam empregar a sua actividade.

KELVINATO...?

... e tambem para os filhinhos de V. Ex.ª...

Exposição do livro italiano

Inaugura-se amanhã, ás 17 horas na Sociedade Nacional de Belas Artes, a exposição do livro italiano, que estará aberta até ao dia 13 de junho. Assistem á cerimonia o sr. ministro da Educação Nacional e o sr. ministro da Italia.

Trata-se de uma escolhida colecção (que compreende cêrca de 4 mil volumes) de obras publicadas na Italia depois de 1935 sobre literatura classica e contemporanea, historia, geografia, musica, arquitectura, teatro, estudos religiosos, filosofia, pedagogia, direito, medicina, economia, sociologia, etc.

Figuram tambem em belas edições, traduções italianas dos maiores poetas e esoritores portugueses, como Camões, Eça de Queiroz, Eugenio de Castro, Gomes Leal, Antonio Nobre, etc. Podem ainda admirar-se varias edições de arte, magnificas reproduções de codices famosos de Horacio, Virgilio, Dante, de quadros e desenhos celebres, e uma escolhida colecção de revistas italianas de cultura.

CONFERENCIAS

O sr. dr. Daniel Monteiro, inspector da Saude Escolar de Lisboa, convidado pelo C. A. D. C., vai no proximo domingo a Coimbra, para repetir a sua conferencia sobre a educação na escola familia, proferida na Associação dos Medicos Catolicos de Lisboa.

Uma verdadeira estância de saude

Caldas da Felgueira

e a sua influencia na debelação da doença em Portugal

No calendario de muitos doentes — e, em especial no dos bronquiticos — surge hoje uma data promissora de redenção pela saude: E' a da reabertura das Caldas da Felgueira (Canas — Beira Alta).

Com efeito, uma boa parte da população enferma do nosso país ansiosamente a deseja para, no uso da afamada terapeutica felgueirense, adquirir as melhoras que ela infalivelmente concede a quem a sabe aproveitar por completo.

Pode até afirmar-se com afoiteza, que, na sua grande maioria, os aquistas da Felgueira repetem aquela cura hidro-mineral para confirmar os profundos beneficios recebidos na estadia transacta. Não é uma necessidade instante, efectiva de saude em perigo que lá os faz voltar; porque o restabelecimento, uma vez obtido com metodo e inteira submissão ás indicações do ilustre medico termal, sr. dr. Aurelio Gonsalves, mantêm-se através de longo tempo. Mas, é a justificada crença nos tratamentos de repouso e oxigenação, conjugados com o reforço dos efeitos hidroterapicos sôbre a confirmação das curas, que atrai á Felgueira, todos os anos, as pessoas que uma vez ali acorreram em demanda de saude.

Para os iniciados, a experiencia equivale a uma revelação providencial. Em todas as temporadas balneares se registam ali surpreendentes casos de rehabilitação fisica, de salvação, mesmo, em enfermos de bronquite, desde a cronica á asmatica e á quimtosa; de rinites de forma artritica de catárro, de naso-faringites, de faringites granulosas, de laringites cronicas, de pleuresias secas, de eczema e outras dermatoses, de hiper-tensão arterial no periodo da arterio-esclerose, de astenia cardiaca, de flebites, de varizes, de reumatismo, de hemorroidal, de dispepsias atonicas e de litiases biliares.

E', como se vê por estas linhas, bem vasto o quadro de sofrimento humano que todos os anos se apaga nas Caldas da Felgueira, cuja paisagem ridente, animada pelo formoso serpenteio do Mondego, completa o dôce-bem estar dos aquistas, afagados por tão dôce ambiente de quietação e de efluvio salubre. Por isso, o dia de hoje, na Felgueira, deve constituir, como constitue todos os anos, uma parada feliz de gente confiada—doentes que sabem, ao certo, ir encontrar a sua cura, o seu fonte alivio, o seu seguro balsamo; curados que, gratamente, vão consolidar as suas melhoras, ratificar o seu salvamento e fruir o seu veraneio numa estancia de tranquilidade adoravel. Para muitos deles, tambem—os gastronomos—outra condição se impõe como atractivo irresistivel das Caldas da Felgueira: o da mesa primorosa, tal como a fornece, modelarmente, o Grande Hotel-Club, e que é superior a todas as de primeira ordem, em Portugal.

A corrida do Derby

e as comunicações telegraficas

E' invulgar o interesse despertado em todo o mundo pela celebre corrida de Derby onde se arriscam milhões de libras em apostas. As mais graves preocupações politicas internas e externas passam na Inglaterra a segundo plano no dia em que os cavalos de raça alinham na pista de Epsom para a largada que fará vibrar de entusiasmo desde o rei ao mais humilde dos cidadãos britanicos.

Claro está que os milhares de ingleses espalhados pelo globo e ainda os estrangeiros que se interessam pelo «turf» aguardam sempre com incalculavel ansiedade que as telecomunicações lhes anunciem o nome do vencedor.

Este ano a Cable and Wireless de Londres tomou disposições especiais para informar com a maxima rapidez os turfistas. Assim, o nome do cavalo vencedor soube-se no Cairo e em Nairobi um segundo depois de ter alcançado a meta; três segundos em Bombaim, Montreal, Singapura e Hong-Kong; quatro em Cape-Town e Zanzibar; seis em Barbados; oito em Melbourne e Sidney; e dez em Auckland, Jamaica e Changai.

Festa de estudantes

Realiza-se no proximo domingo, 4, no Instituto Superior de Ciencias Economicas e Financeiras, o costumado «chá dansante» de despedida dos finalistas, abrilhantado pela conhecida orquestra Urceira.

Podem adquirir-se bilhetes e fazer marcação de mesas na Associação Academica, rua do Quelhas, 16-A, ou pelo telefone 6 2255.

«OCIDENTE»

Com a mais rigorosa pontualidade, saiu hoje, o n.º 14 desta revista, dirigida por Manuel Murias e Alvaro Pinto. Alem doutra notavel colaboração, publica os 9 Sonetos premiados no «Concurso de Sonetos Historicos». Este primoroso fasciculo é o primeiro do volume VI.

TAVOLA REDONDA

Bonifacio

Eugenio d'Ors divide a humanidade em tipos de emoção geográfica e tipos de emoção histórica: o condutor de electricos que na Feira do Livro compra o «Guerreiro e Monge»—é um tipo de emoção histórica; o estudantinho de liceu que na mesma feira compra os «Piratas da Malásia»—um tipo de emoção geográfica; ambos procuram fugir ao quotidiano, que, para o primeiro, é o carro electrico, e, no caso do outro, a aula; mas enquanto este se esforça por mergulhar no espaço—toda a imaginação daquele se extenua a perfurar o tempo; o condutor de electricos gostaria de ser, por exemplo, marujo das caravelas—no reinado do Senhor D. João II; quanto ao estudantinho—todos os seus sonhos, tais como exploradores audaciosos, sulcam em pirogas os rios virgens ou abrem caminho, a golpes de macheta, na carne vegetal das florestas misteriosas.

E Bonifacio?

Este meu amigo é aquilo a que o povo chama, vulgarmente, um femeiro—e as pessoas cultas chamam, eruditamente, um tenório. As suas aventuras (sempre do genero amoroso—está claro) não têm conta e as mulheres na sua vida são mais do que as moscas, agora, nas montras das pastelarias.

Se, aqui há uns dois ou três anos, discutiamos, em presença de Bonifácio, a questão da Austria, ele acudia logo:

— A propósito... Conheci no Porto uma austriaca. Era de Viena. Um amor. Mui › loira, muito branca... E valsava divinamente...

Quando aqui há uns meses atrás falavamos da Checo-Eslovaquia—Bonifácio não faltou com a sua historia:

—Uma vez... Foi em Coimbra. Conheci uma checa. Aquilo não passou dum capricho. Ela era casada mas o marido estava no Brasil. Demos grandes passeios... Era no outono. Vocês sabem? Coimbra no outono...

Agora, outro dia, falavamos da Polonia... Bonifácio contou:

—As polacas são grandes mulheres... Ao principio, talvez um pouco esquivas, um pouco desconfiadas... Ah! Mas quando começam a gostar dum homem... Chegam a suicidar-se! Querem ver? Quando eu estive em Faro... Lembram-se vocês? Quando eu estava empregado naquela casa exportadora de conservas... Em Faro conheci uma polaca. Pois foi o diabo! Não queria que eu me viesse embora, dizia que se matava...

Eis o meu amigo Bonifácio: um femeiro, um tenório—e dentro da esquema de Eugenio d'Ors um tipo de emoção geográfica.

O pior foi quando alguêm se lhe dirigiu á queima-roupa, inquirindo:

—Olha lá... Diz-me uma coisa: Já conheceste alguma russa?

Bonifácio sorriu, vaidoso—e respondeu com segurança:

—Conheci varias. Por sinal...

O outro, porém, não o deixou continuar; desfechou-lhe esta maquiavélica pregunta:

—Diz-me lá então: as russas são loiras ou são morenas?

Bonifácio teve um segundo, só um segundo de hesitação... Depois vagamente, tentou elucidar aquela intempestiva curiosidade:

—Loiras ou morenas? Olha... Assim, assim...

E ao responder isto—a sua mão desenhava no ar movimentos que debalde queriam exprimir o tipo de beleza feminina, predominante na Russia:

—Assim, assim...

DUTRA FARIA

O vosso receptor é antiquado? ou funciona mal? Faça a troca por um famoso

Supersom

Reproducção fiel de todos os sons

Rua da Conceição, 35, 1.º

KELVINATO...?

... e tambem para os filhinhos de V. Ex.ª...

NO ESPAÇO DUM SECULO

56 conventos foram adaptados

a hospitais, quarteis, escolas e repartições publicas

Já alguem pensou alguma vez nisto: se não tivesse havido conventos onde se instalariam centenas de edificios publicos nêste país?

Quando Joaquim Antonio de Aguiar, em 28 de maio do ano de 1834 extinguiu as congregações religiosas—previu acaso a utilidade publica que adviria da apropriação dos bens das Ordens?

E' sabido que poucos anos antes da proclamação do regime liberal havia em Portugal 582 conventos ou casas religiosas, das quais mais de uma centena em Lisboa e termo.

Chamaram ao estadista o «Mata frades», sem que ele tivesse, aliás, morto algum. Havia em 1822 5.621 frades, com 628 leigos, e 2.980 freiras com 912 noviças e 1.971 criadas.

Os conventos converteram-se em propriedade da nação, imediatamente a 1834, excepto os das freiras, que se conservaram até que a ultima sobrevivente do famoso decreto désse a alma a Deus.

Ora até aqui está tudo muito bem, ou muito mal, que para o nosso caso não interessa.

Mas se não tivesse havido as expropriações — onde se instalariam os aquartelamentos, os hospitais, as repartições, as escolas, os colegios, as casas de beneficencia?

A adaptação foi um recurso. Uma boa parte dos nossos estabelecimentos publicos estão «adaptados» — e quanto dinheiro isso tem custado!—, e adaptados de casas conventuais, áparte as que desapareceram nas demolições por urbanismo, ou cairam em ruina, ou, compradas em hasta publica, passaram a imoveis de rendimento.

Mas são tantos esses casarões, que cumpre preguntar se, a não haver esses conventos, algumas das instituições que hoje os ocupam — existiriam?

Suponha-se que não tinha havido conventos. Quanta soma de milhares de contos — que hoje quatro vezes se decuplicaram—custariam ao Tesouro esses edificios publicos feitos de novo?

* * *

Cumpre lembrar, para quê estas considerações produzam algum efeito de leitura, quais as casas, em Lisboa, que pertenceram ás Ordens religiosas, e que presentemente ainda exercem missões de utilidade publica.

A lista parece pequena. Pois ides vêr — e pasmar, visto que ha cousas que surpreendem apenas quando estão postas em rol.

O Hospital de S. José está instalado no antigo Colegio dos Jesuitas de Santo Antão-o-Novo, já antes da extinção das Ordens, mas nem por isso ele deve ficar fora da lista.

O Hospital de Arroios acomodou-se no Colegio ou Convento da Conceição, de Arroios, onde antes haviam estado as seraficas da Conceição.

O Hospntal de Santa Marta ocupa o Convento das Claristas daquela invocação; o Hospital do Rego instalou-se no Recolhimento do Rosario naquele sitio; o Hospital dos Capuchos no Convento de Santo Antonio dos Capuchos; o Hospital do Desterro no Convento dos Bernardos; o Hospital Militar da Estrela no Convento de N. S. da Estrelinha; o Hospital Militar de Belem no Convento dos frades da Boa-Hora; o Hospital de Rilhafoles no Convento da Congregação de S. Vicente de Paula; o Hospital da Marinha no Convento dos Jesuitas de S. Francisco Xavier; parte dos anexos ao Hospital Militar da Estrela na cêrca do Convento do Coração de Jesus.

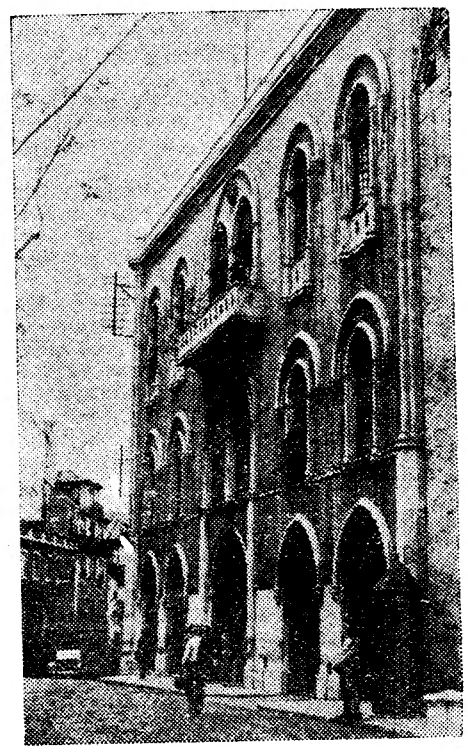
Quais são pois os hospitais de Lisboa com edificio proprio? Contentemo-nos com o de D. Estefania, pois que o Bombarda do Campo Grande—feito de proposito — custou mais caro, não passando de hipotese, de que quantas adaptações os outros têm sofrido.

Já se pensou que sucederia se para hospitais não houvesse conventos?

* * *

Por curiosidade vamos passar em revista algumas escolas.

A Escola de Belas Artes está em parte do convento de S. Francisco; a Escola de Afonso Domingues em parte



O quartel do Carmo, que foi convento de frades carmelitas

do convento da Madre de Deus; os Pupilos do Exercito no convento de S. Domingos de Benfica; o Instituto Superior de Ciencias Economicas e Financeiras no convento das Brigidas do Quelhas; o Liceu de Gil Vicente em parte do convento dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, em S. Vicente; o Recolhimento da Misericordia no convento dos Arrabidos de S. Pedro de Alcantara; o asilo Nuno Alvares no convento das Salesias, na Junqueira; o Colegio Militar da Luz em antiga casa dos frades Tomaristas; o Conservatorio Nacional no convento dos Caetanos; a Casa Pia no convento dos Jeronimos; o Asilo-Escola José Estevão em parte do convento das trinitarias do Rato; o Asilo-Escola de Santa Catarina no convento das Carmelitas de S. João Nepomuceno; uma Escola Normal no convento do Calvario; a Faculdade de Letras, no convento de Jesus; a Faculdade de Ciencias, sucedendo á da Escola Politecnica, como esta sucedeu ao Colegio dos Nobres, ocupa a antiga casa da Companhia de Jesus.

Eis aí uma boa lista de escolas e casas de instrução instaladas em edificios de fundamento religioso.

E quarteis?

Pois vamos lembrar, em refôrço das nossas considerações, alguns conventos que servem de aquartelamento O quartel da Graça ocupa o convento dos Agostinhos; o da Penha de Franca, o convento dos eremitas descalços; a Guarda Republicana, ocupa os conventos dos Loios, os do Nazareno na Estrela, o de S. João de Deus, ás Janelas Verdes, o do Carmo, o dos Paulistas; os Sapadores Bombeiros, instalaram-se no convento da Esperança; o Quartel General, ocupa parte do convento de S. Felipe Nery, ás Necessidades; repartições militares estão no Colegio de Santo Antão-o-Velho (coleginho), e no convento do Sacramento em Alcantara.

Quanto a instituições culturais e a serviços publicos, é um nunca acabar.

O palacio da Assembleia Nacional, ocupa—totalmente reedificado—o convento de S. Bento dos negros ou da Saude; a Academia das Ciencias, ocupa o convento de Jesus; o Museu Arqueologico do Carmo, ocupa a igreja do convento dos carmelitas; a Assistencia Publica (direcção geral) está no convento das freiras do Rato: os Serviços de Identificação, no convento das Trinas de Mocambo; a cadeia das mulheres, no convento das Monicas; a direcção dos Serviços Geodesicos, no convento do Coração de Jesus (Estrela); a Biblioteca Nacional, no convento de S. Francisco; a Tutoria de Infancia, no colegio de S. Patricio; o Museu Etnologico, em parte dos Jeronimos; uma dependencia do Museu de Arte Antiga, na igreja do convento das Albertas; a Albergaria de Lisboa, está no convento de Santa Teresa de Carnide; o tribunal da Boa-Hora, no convento deste nome; o Asilo de Cegas, no convento dos Cardais: repartições publicas e arquivos nos conventos de Santa Joana e de S. Vicente; um asilo de velhos, no convento da Conceição de Marvila; a Misericordia (desde o seculo XVIII), na Casa Professa de S. Roque; o Recolhimento da Encarnação, no convento deste nome; o Instituto Ultramarino, no convento das Flamengas; o Recolhimento de Santos-o-Novo, tambem no convento deste titulo; a fabrica da polvora, no convento das freiras Agostinhas de Chelas, etc., etc.

* * *

Se somarmos os edificios conventuais, mais ou menos transfigurados desta lista, encontramos um numero (e não é completo) que á primeira impressão não previamos: 56, não contando com estabelecimentos fabris particulares, e casarões de rendimento, que somam uma dezena, e com parte de conventos, como o do Salvador, onde funcionam escolas particulares.

Na lista dos quarteis, hospitais e escolas é que a lista se torna mais flagrante.

E a pregunta aparece agora a tempo: teria sido util a adaptação dos conventos?

Se eles não existissem, todas estas instituições e estabelecimentos teriam chegado a ver erguidos os seus edificios proprios? E não teria havido nisso vantagens?

O hospital de Santo Antonio dos Capuchos, onde foi o convento do mesmo nome

ÚM NOVO SANTO PORTUGUÊS

Será canonizado em 1940

o beato João de Brito?

Dr. Luiz Moreira de Sá e Costa

O dr. Luiz Moreira de Sá e Costa não tem mais de 30 anos. Foi estudante em Coimbra e, a certa altura, deixou a capa e a batina para se fazer religioso. Mais tarde licenciou-se em França pela Faculdade Pontificia de Vals. Fez conferencias sobre o nosso país. Uma delas intitulava-se «Salazar et la personne humaine» e foi proferida no Instituto Catolico a convite do cardial Baudrillart.

Filho, neto e irmão de artistas, o dr. Luiz Moreira de Sá e Costa realizou ainda ha pouco no Porto uma notavel conferencia sobre o beato João de Brito, conferencia que repete amanhã em Lisboa, ás 18 e 30, na Sociedade de Geografia e que é patrocinada por uma comissão de senhoras cujos nomes já publicámos.

Quisemos ouvir o ilustre conferente acêrca do tema da sua conferencia. A primeira pregunta que, naturalmente, nos ocorreu foi esta:

— Tem-se falado tanto, a proposito de João de Brito, na possibilidade da canonização de mais um português...

— Tem-se falado muito, é certo, mas creio que por ora tudo é prematuro. Roma não falou e emquanto Roma não falar, que poderei dizer-lhe eu?... Mas é certo que alguns factos indicam que ha pelo menos muito interesse em estudar esta causa. Como sabe, em meados do seculo passado, foi beatificado João de Brito, com grande esplendor, como todas as cerimonias desse genero em Roma; ultimamente, o seu culto tem-se intensificado muito, graças certamente ao pedido de todos os prelados de Portugal, para que o seu culto se estendesse a todas as dioceses do nosso país, pois até então só se rezava do beato em três dioceses, creio. Grande numero de pessoas que invocaram o heroico missionario em suas necessidades temporais ou espirituais julga-se atendida. Como sabe, para a verificação dum milagre, os processos que a Igreja adopta são de um escrupulo unico na historia do mundo... Estamos no principio: como a Imprensa divulgou, em dezembro ultimo estiveram em Portugal, vindos expressamente de Roma, o rev. padre Miccinelli, antigo reitor da Universidade Gregoriana, postulador geral das causas de santos e beatos da Companhia, e o dr. Lourenço Sympa, professor da Faculdade de Medicina de Roma.

— Teve ocasião de os conhecer?

— E excelente ocasião, pois tive não só o gosto de ir esperá-los á Pampilhosa, mas de os acompanhar nas suas visitas e interrogatorios aos doentes; a este respeito, evidentemente, só posso dizer-lhe que alguns casos lhes pareceram dignos do mais atento estudo e que é esse presentemente o trabalho que ocupa em Roma varias pessoas especialmente encarregadas do caso. Para um jornalista, tudo isto é talvez muito vago; para nós, os que estamos habituados á suma discreção em tais assuntos, já ha muito de concreto. Não lhe esconderei, porém, quanto interesse teria, só para falar nos efeitos de ordem patriotica, a canonização em Roma dum português, em 1940, quando já ha dois seculos foi canonizado o ultimo, S. João de Deus, e quando outros países não catolicos compreendem a repercussão mundial de acontecimentos de tal genero. Lembremos apenas que a França se interessa oficialmente pelas canonizações de seus filhos, que se realizam quasi todos os anos.

— Em que se baseia a afirmação de que o missionario está relacionado com o periodo da restauração?

— Baseia-se na propria mocidade de João de Brito, passada em plena côrte de D. João IV, como pagem dos principes, e no facto dos seus pelo sangue terem sido dos mais heroicos paladinos do bom nome português. De resto, isto não era novidade na familia dos Britos.

— Por exemplo...

— Ocorrem-me: o quarto avô, Fernão de Brito, fidelissimo a seu amo o duque de Bragança, justiçado por D. João II, e que sofre por tal razão as agruras dum longo exilio; o bisavô, tambem Fernão, que morre em Alcacer — pela Patria; o proprio pai de João, Salvador de Brito, que morre longe, governador do Rio de Janeiro — servindo a patria; o irmão, Cristovão, morto no Ameixial — pela patria; outro Cristovão, seu primo, heroi em Montes Claros; e para encurtar na pleiade magnifica, os três sobrinhos, João e Salvador, mortos na batalha de Almadacheira, e Cristovão, em Mombaça — todos pela patria.

— Qual é, em sua opinião, a caracteristica mais simpatica na personalidade de João de Brito?

— São tantas, e se quere que lhe diga, todas tão simpaticas... Mas olhe esta: a «sublimação» da paixão humana de gloria, em que hei-de insistir na minha conferencia: o rei da terra vai-se esfumando e o rei divino surge aliciante, num convite cavalheiresco. Porque é de cavalheirismo á antiga que se trata nesta vida sobrenaturalizada. O convite á crucificação heroica é realizado em galhardia apostolica, em virilidade de caracter. Sim, porque João de Brito é destes que tudo enfrentam com um sorriso de superioridade serena, que dá a cara por uma vez...

— Outro traço dominante...

— Este, que me seduz: a fidelidade á Igreja e á sua hierarquia, a ausencia total de espirito de partido — negação do Universalismo evangelico. Outra ainda: a delicadeza de coração, a fidalguia de sentimentos. Medite-se bem nisto: João de Brito missionario, teve que ser soldado ardorosissimo numa campanha invulgarmente dificil: contra os calores, as caminhadas exaustivas, as ciladas, as perseguições, os martirios sangrentos... Era mister uma saude de ferro e uma alma de aço. Pois bem: o coração mantem-se ternissimo. Basta esta nota enternecedora: a mãi, carinhosamente, manda-lhe para a India um gibão. Que faz o homem austero? Enjeita o gibão? Que ideia! Apressa-se a alegrar o coração da mãi dizendo: «Saiba Vossa Senhoria que já o vesti e, bendito Deus, muito jeito me faz». Numa palavra: é o homem que vive intensamente o seu drama «interior», no amago do peito, mas surge sempre amavel, sorridente, bem disposto... E isto tambem é caridade...

— Os seus feitos nas missões são de sobejo conhecidos...

— Sim; no entanto, enumerá-los-ei na conferencia. O que porém me interessa é pôr o homem vivo, de pé, o modelo e o amigo, aquele que aos 14 anos já era heroi...

DIGA O QUE PENSA SOBRE...

Vale a pena estudar a construção

de um metropolitano em Lisboa?

Não é nova a ideia de um metropolitano em Lisboa. Uma linha que ligasse, por exemplo, Santa Apolonia com Alcantara, passando por varios bairros da cidade, parte subterranea, parte a descoberto sôbre pontes, foi estudada há meio seculo pelo engenheiro Lima e Cunha, e o «Diario de Lisboa» referiu-se há tempo a ela.

Linha metropolitana, de grande rede, ou apenas de recurso para descongestionamento do transito, tem sido aventada nos ultimos anos, pode dizer-se mesmo nos ultimos meses. E algumas interrogações têm cabimento.

E' essa obra util, valendo apenas o esforço tecnico e financeiro?

E' de aconselhar um metropolitano de longo curso? O trafego da cidade explica e justifica essa empresa?

Claro que não se pretende, neste nosso inquerito, considerações de ordem tecnica ou cientifica, não porque elas não merecessem larga publicidade, mas porque tornariam demasiado extenso esse inquerito.

Quando se fala de metropolitano—obra de progresso urbano que as principais cidades já possuem há muito, uma observação se levanta aqui e ali: «Lisboa não justifica ainda esse colossal esforço financeiro».

Tem a observação razão de ser?

E que orientação deveria seguir essa linha subterranea?

Eis o ennunciado deste nosso inquerito, e a que gostosamente daremos o maximo desenvolvimento.

O governador da Guiné

partiu hoje para o Funchal

A bordo do paquete alemão «Antonio Delfino» seguiu hoje para o Funchal o sr. major

O sr. major Carvalho Viegas despedindo-se dos seus amigos

Carvalho Viegas, governador da Guiné, que ali tomará outro barco para Bissau.

No cais, apresentaram-lhe cumprimentos de despedida os srs. Julio Caiola, agente geral das Colonias, representantes do sr. ministro das Colonias e associações coloniais, funcionarios do ministerio das Colonias e alguns directores do Jardim Zoologico.

O Chefe do Estado acedeu

a visitar tambem Angola e S. Tomé

Como se sabe, os governadores de Angola e de S. Tomé e todos os organismos daquelas possessões solicitaram ao sr. Presidente da Republica a sua visita por ocasião da proxima viagem á Africa.

O sr. Presidente da Republica aceitou os convites, devendo visitar S. Tomé á ida e Angola no regresso da Africa do Sul. Em Angola, o Chefe do Estado visitará apenas Luanda e assistirá, a sessenta quilometros desta cidade, a uma festa na Fazenda Tentativa.

Foi hoje publicado na folha oficial um decreto que autoriza o sr. ministro das Colonias a acompanhar o Chefe do Estado na sua viagem á Africa. O sr. dr. Vieira Machado far-se-á acompanhar pelo seu chefe de gabinete, pelo seu secretario, por um outro funcionario do ministerio e por uma ordenança.

Pelo mesmo decreto é o ministro autorizado a requisitar dois funcionarios do ministerio dos Negocios Estrangeiros, aos quais poderá determinar que sigam antecipadamente para Africa. O Chefe do Estado será acompanhado por um medico, cuja remuneração o Conselho de ministros fixará oportunamente.

TORPEDEIRO YUGO-ESLAVO

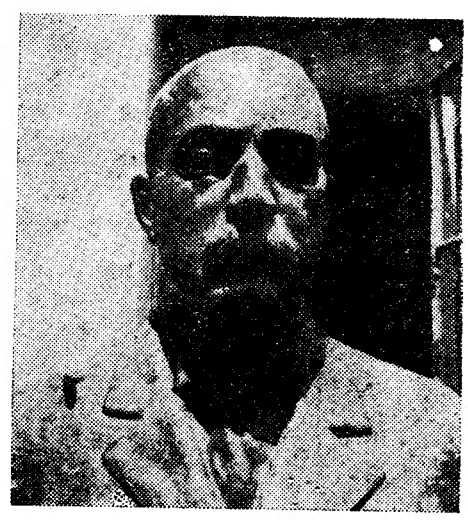
Sob o comando do capitão de mar e guerra Bacic, entrou hoje de manhã no Tejo o contratorpedeiro yugo-eslavo «Beograd».

O comandante cumprimentou o sr. major general da Armada, deixou cartões ao sr. ministro da Marinha e trocou cumprimentos com o comandante das forças navais do Tejo. O navio demora-se quatro dias.

Uma estatua em Sintra

ao dr. Cambournac

Será brevemente inaugurado, em Sintra, na avenida Tavares Dias, um monumento ao fa-



Busto do dr. Desiderio Cambournac, pelo escultor Anjos Teixeira

lecido clinico sr. dr. Desiderio Cambournac, grande benemerito daquela região. O busto é da autoria de Anjos Teixeira filho, sendo o risco do pedestal do arquitecto Norte Junior. No mesmo dia ficará pronto o seu mausoleu, obra do arquitecto sintrense Faria da Costa.

A missão naval portuguesa

embarcou hoje na «Home Fleet»

Segundo uma comunicação oficial sabe-se que os oficiais da missão naval portuguesa enviada a Inglaterra embarcaram hoje em diversos navios da «Home Fleet», ficando assim distribuidos: comandante Celestino Ramos, no condutor da flotilha «Faulkner»; 2.º tenente Moreira Rato, no contra-torpedeiro «Fearless»; 2.º tenente Sales Grade, no contra-torpedeiro «Fexhound»; 2.º tenente Pereira Bastos, no contra-torpedeiro «Fury; 2.º tenente Simões Coimbra, no contra-torpedeiro «Firedrake», passando mais tarde para o cruzador de 10.000 toneladas «Cumberland»; e 2.º tenente Pereira Duarte, no couraçado de 30.000 toneladas «Royal Savereign», que arvora o distintivo de contra-almirante Holland, comandante da 2.ª esquadra de batalha da «Home Fleet».

A esquadra começou a sair esta tarde para o mar.

Johan Voetelink

Chegou hoje a Lisboa o sr. Johan Voetelink, consul honorario de Portugal em Amsterdam e um dos maiores amigos que o nosso país conta no estrangeiro. Na verdade o sr. Voetelink sente um prazer especial sempre que lhe é dado receber um português que visita a Holanda e sabe rodeá-lo de todas as atenções já pelo seu esforço proprio, já pela sua situação social naquele país.

O nosso ilustre visitante vem passar umas curtas férias a Portugal, o que faz sempre que os seus afazeres lho permitem.

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

É AGORA..

O forcado é valente, mas se não cair na cabeça a tempo, sofre um desaire.

Para que um motor trabalhe em boas condições, não basta empregar óleo de primeira qualidade. A LUBRIFICAÇÃO TEM DE SER FEITA A TEMPO.

Se quiser que a lubrificação não falhe no momento oportuno, encha o carter do motor do seu carro com óleo de qualidade «EXTRA».

OLEO SHELL

TRIBUNAIS

Na Boa Hora

No 10.º Juizo Criminal do tribunal da Boa Hora foi hoje julgado Antonio Lopes Belgrano, que em setembro do ano passado, na rua da Madalena, agrediu á facada a sua amante, Gracinda de Oliveira, a qual veio a falecer em consequencia dos ferimentos recebidos.

Foi condenado a 4 anos de prisão maior celular, seguidos de 8 de degredo, na alternativa de 15 anos de degredo, em 1.000 escudos de imposto de justiça e na indemnização de 10 contos á familia da vitima.

ASSISTENCIA INFANTIL

A secção auxiliar feminina da Liga dos Combatentes distribui no proximo dia 3, pelas 12 horas, vestuario e calçado a 200 orfãos de combatentes da Grande Guerra. Esta distribuição terá como complemento uma sessão de cinema infantil seguida de merenda que se realiza no mesmo dia, ás 15 horas, no Liceu de Pedro Nunes.

FESTA ASSOCIATIVA

O Sport Lisboa Monte Pedral inaugura no proximo domingo, 4 do corrente, as suas novas instalações, com um interessante programa.

Agradecemos o donativo de 10$00 que teve a amabilidade de nos enviar para os nossos pobres.

Mais Uma Linda Avó!

MADAME L. ROGERS

Eis aqui a carta em que ela nos diz como parecer jóvem aos 50 anos:

«Tenho 50 anos... seis filhas adultas e três netos; no entanto dizem-me que tenho a pele e a tez duma mulher de 30 anos. Preguntam-me muitas vezes o segredo do encanto da minha pele juvenil — respondo sempre: «Os Cremes Tokalon — Alimentos da Pele».

Empregue o Creme Tokalon—côr de rosa—alimento para a pele, á noite, antes de se deitar. Contém «Biocel» surpreendente e precioso elemento de mocidade—descoberta de um celebre professor da Universidade de Viena—nutre e rejuvenesce a pele durante o sono. Todas as manhãs acordará parecendo mais nova.

Empregue o Creme Tokalon Branco (não gorduroso) para de dia. A sua acção é por assim dizer magica sôbre uma pele aspera e escura e sôbre a tez terrosa. Tira as poeiras e impurezas profundamente incrustadas nos poros. Os pontos negros desaparecem rapidamente. Os poros dilatados apertam-se. A pele torna-se fresca, clara e macia como veludo. Pode ficar com a tez sedutora duma rapariga. Parecerá muitos anos mais nova. Principie hoje a utilizar os Cremes Tokalon Alimentos da Pele — Resultados garantidos, pois caso contrario ser-lhe-á devolvido o dinheiro.

A' venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva para o Deposito Tokalon, 88, Rua da Assunção—Lisboa, que atende na volta do correio.

CARTAZ

TEATROS

AVENIDA—A's 21 e 45—«Consciencia».
APOLO — A's 21 e ás 23 — «Lá vai Lisboa!».
VARIEDADES — A's 20 e 30 e ás 23 — «Ribatejo».

CINEMAS

S. LUIZ—A's 21 e 30.
TIVOLI—A's 21 e 30.
EDEN-TEATRO — A's 21 e 30.
TRINDADE—A's 21 e 30.
CAPITOLIO—A's 21.
CENTRAL—A's 21 e 15.
COLISEU—A's 21 e 30.
CONDES—A's 21 e 30.
ODEON—A's 21 e 15.
OLIMPIA—Das 14 e 30 ás 0 horas.
PALACIO—A's 21 e 30.
POLITEAMA — A's 21 e 30.
CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15.
ROYAL—A's 21.
REX—A's 21.
SALÃO IDEAL — Rua do Loreto.
JARDIM CINEMA—Domingos e 5.as feiras.
PAVILHÃO PORTUGUÊS—Ás 21.

CALÇADO

Restos de Colecções para homem, senhora e criança. Saldam-se a preços baratissimos para revenda.

Calçada da Estrêla, 120

VERBENA DE CARIDADE

Inaugura-se hoje, pelas 22 horas, a verbena de beneficencia levada a efeito pela junta de freguesia de Santa Catarina.

A C. P. oferece-vos:

O I EXPRESSO POPULAR

em 4 de Junho

Lisboa-Coimbra e volta

Por..... 30$00
Marcação de lugar .... 2$50

Bilhetes á venda na estação do Rossio (Informações), 1.º andar — Esclarecimentos pelo telefone n.º 24.031.

Os passageiros que queiram seguir á Curia ver a Festa das Rosas podem fazê-lo mediante o pagamento suplementar de Esc. 6$00, seguindo uma carruagem até á Curia se o numero de inscrições não fôr inferior a 50 pessoas.

Restaurante Rosa de Maio

RUA DE S. NICOLAU, 122

Se V. Ex.ª come fora de casa não deixe de experimentar o serviço dêste Restaurante, que acaba de contratar uma excelente cozinheira!

Serviço á lista e de mesa redonda c/ almoços completos a 9$00. Jantares a 10$00. Aceitam-se comensais a 300$00.

ASSISTENCIA MEDICA

A junta da freguesia de S. Julião, no desejo de prestar auxilio a todos os seus paroquianos, inaugura hoje um pôsto medico em que as consultas são gratis para os indigentes e a preços modicos para as outras classes.

Nova Pensão Madeirense

Rua da Gloria, n.º 22, 1.º — Tel. 25859

Recebe comensais desde 220$00. Fornece almoços e jantares na mesa e ao domicilio.

+

Beatriz Pereira Neves Barata

FALECEU

Antonio Neves, L.da, participam o falecimento da irmã do seu amigo e socio Antonio Pereira Neves e que o seu funeral se realiza amanhã, ás 17 horas, da rua da Imprensa Nacional, 73, r/c., para o cemiterio dos Prazeres.

Funerais e Trasladações
Agencia M. Ferreira dos Santos
RUA DE ARROIOS, 211 — Telf. 41987
SERVIÇO PERMANENTE

ESTRANGEIRO

Um calice de Brandy Borges e uma chavena de bom café... SÃO O COMPLEMENTO INDISPENSAVEL DE UMA BOA REFEIÇÃO

Opiniões da Imprensa

Sobre o discurso de Molotov

O «Journal» escreve:

«Uma recusa? Certamente—não. O essencial não está plenamente adquirido? Mas encontramos o famoso caso dos estados balticos que os Sovietes quiseram sempre trazer para o pacto. Para satisfazer toda a gente, o projecto anglo-francês lembra o art. 16.º do pacto da S. D. N. que permite a qualquer estado associado pedir auxilio. Prevê-se tambem o metodo de consultas mesmo no caso de simples ameaça de agressão. Os Sovietes fingem considerar que estas disposições, longe de assegurarem apoio eficaz, poderiam fornecer pretextos para escapatorias. E' sem duvida facil dar-lhes satisfação no que respeita á eliminação das referencias ao organismo genebrino, que mostrou a sua impotencia. Seria muito mais dificil pretender constranger os estados balticos a correrem o risco de uma assistencia que consideram mais perigosa do que eficaz. E' ali que se encontra actualmente o verdadeiro ponto sensivel das negociações».

O «Petit Parisien» informa:

«Molotov, cujas palavras refletem fielmente o pensamento de Estaline, não facilita a acção da diplomacia. Certamente o seu discurso está animado do evidente desejo de fazer frente, com a Inglaterra e a França, ao agressor e não compromete essencialmente o resultado das negociações, mas com uma certa rudeza muito bolchevista faz ressaltar divergencias que não são fundamentais e dá a impressão de que ha ainda grandes dificuldades a vencer. As divergencias assinaladas por Molotov não são tão profundas como ele disse, desde que todos cedam qualquer coisa e não se perca, um instante, de vista o fim essencial que é levantar uma muralha invencivel contra a agressão.

Os negociadores deverão ainda mais uma vez curvar-se sobre os textos e pôr tudo em acção tanto do lado russo como do lado franco-inglês, para chegarem á formula definitiva que faça do acôrdo triangular uma realidade».

O «Matin» diz:

«Nos meios oficiais franceses, que asseguram que Paris, Londres e Moscovo estão perfeitamente de acôrdo quanto ao proprio fundo do projecto de pacto triangular e sobre os compromissos que prevê, declara-se que eram de esperar objecções sobre a forma do documento. Convem pois preparar-se para longos dias de palavras e não esquecer que em abril de 1935 os russos levaram três semanas a esmiuçar, virgula por virgula, o texto do pacto franco-sovietico. Diz-se nos mesmos meios que o governo de Moscovo vai responder imediatamente a Paris e Londres e a sua resposta consistirá em dizer que está de acôrdo em certos pontos do projecto, mas faz reservas quanto a outros. Estes pontos visam a assistencia indirecta e os estados balticos—pois são estes os pontos que ainda falta solucionar».

O «Times» declara:

«Molotov não disse nada que torne impossivel a conclusão de um acôrdo».

O «Daily Telegraph» entende:

«O governo russo deseja sinceramente um acôrdo e compromete-se, de facto, a aderir ao bloco contra a agressão.

O «News Chronicle» afirma:

«A Russia tem tanto interesse como nós em que se dê ás potencias agressivas uma ordem firme e nitida para pararem. A questão dos estados balticos não deixa de ter importancia, mas não deve impedir-nos de atingir o nosso objectivo».

A volta á Alemanha

em bicicleta

BERLIM, 1.—A's 9 e 45 deu-se a partida da volta ciclista da Alemanha, em que tomam parte 44 corredores alemães e 24 estrangeiros. O percurso é de 5.013 quilometros e a corrida acaba em 24 do corrente.—(Havas.)

Repe, Limitada
ESTOFOS E DECORAÇÕES
Rua Paiva de Andrada, 7-13
Telefone 2 3860 Lisboa

NOTICIAS DO BRASIL

As festas centenarias

RIO DE JANEIRO, 1.—O conselho da Colonia reuniu-se expressamente para ouvir as despedidas do sr. Albino de Sousa Cruz que parte no dia 7 para Lisboa, onde terá longa demora. O sr. Sousa Cruz declarou que a subscrição tem encontrado da parte dos portugueses grande entusiasmo patriotico e exaltou o gesto do governo português, que honrou a colonia, considerando o Palacio da Independencia de utilidade publica e adiantando á colonia portuguesa a verba de 5.000 contos num acto de verdadeira confiança que muito honra os portugueses do Brasil. A colonia portuguesa, pelos seus orgãos mais representativos vai demonstrar ao sr. presidente Getulio Vargas quanto comoveram os portugueses os considerandos do Conselho de Immigração e Povoamento que aprovou e nos quais tanta justiça se faz á colaboração portuguesa no Brasil. E sendo esta a ultima reunião do Conselho da Colonia antes do seu embarque para Portugal, o sr. Sousa Cruz declarou, que queria apresentar a todos os seus colegas os seus cumprimentos de despedida, acrescentando que em Lisboa continuará a trabalhar para o maior brilho da colaboração dos portugueses do Brasil nas comemorações dos centenarios.—(Havas).

A homenagem a Getulio Vargas

RIO DE JANEIRO, 1.—Uma comissão da colonia portuguesa composta pelos srs. Albino Sousa Cruz, conde Dias Garcia e barão de Saavedra foi ao palacio de Cattete, acompanhada pelo sr. embaixador de Portugal, dr. Martinho Nobre de Melo, convidar o sr. presidente da Republica a aceitar a grande homenagem que a Colonia Portuguesa lhe deseja tributar. O sr. presidente Vargas acedeu e consentiu que ele lhe seja prestada no Real Gabinete Português de Leitura.—(Havas).

Novo navio de guerra niponico

TOQUIO, 1.—A Domei informa: Mais de 100.000 pessoas assistiram ontem ao lançamento do navio de guerra «Shokaku», em Yokosuka. O almirante principe Fushima, chefe do estado maior general da Marinha, assistiu á cerimonia.—(Havas).

Explosão em Belfast

BELFAST, 1.—Uma violenta explosão destruiu a fachada duma casa desta cidade, logo ao amanhecer. Não ha vitimas a lamentar. A Policia procede a um inquerito.—(Havas).

A guerra no Extremo Oriente

A luta é cada vez mais renhida

XUNG-KING, 1.—A Central News anuncia: Como os japoneses não dispõem de efectivos suficientes na China do Sul para tomarem a ofensiva, resolveram atacar noutros pontos da China do Norte. No alto Kiang-Si o inimigo atacou as posições chinesas em três direcções diferentes. Malograram-se, porém, todas as tentativas. Os japoneses abandonaram ao norte de Nan-Tchang varias centenas de cadaveres. Numerosos chineses foram vitimas de gases. Na fronteira de Kiang-Si e de Nan-Tchang foi dizimado um destacamento japonês. No sector da ribeira Han, na provincia de Hu peh, a batalha tem sido extremamente violenta. No dia 29 de maio, os japoneses desencadearam um ataque contra a estrada de Han-Keu a I-Tchang, mas as forças chinesas resistiram a todos os assaltos inimigos. No norte da provincia de Hu-Peh, os chineses continuam a perseguir os japoneses que batem em retirada, depois do revés que sofreram a semana passada. Ao norte da provincia de Ho-Nan os chineses conseguiram estabelecer-se ao longo da via ferrea de Pequim a Han-Keu e iniciaram o avanço em direcção a leste. Travam-se violentos combates em toda a região.

Réplica da aviação niponica

TOQUIO, 1.—Segundo informações recebidas da fronteira mongol-manchu, a aviação niponica deu uma formidavel réplica á ofensiva chinesa no rio Khalhar.

O intenso bombardeamento pelos japoneses obrigou os chineses a bater em retirada.—(United Press).

Propaganda estrangeira

nos Estados Unidos

WASHINGTON, 1.—O general Moseley declarou perante a comissão encarregada de investigar sobre actividades estrangeiras que a conspiração contra o governo dos Estados Unidos era fomentada pelos comunistas. Acrescentou que o numero de membros da extrema esquerda nos Estados Unidos se elevava a 6 milhões.—(Havas).

O calor nos Estados Unidos

NOVA YORK, 1.—Aumentou ainda a vaga de calor que assola a costa leste dos Estados Unidos ha 3 ou 4 dias. O termometro subiu a mais de 33 graus centigrados, o que bate todos os «récords» desta data. Assinala-se já uma vitima da canicula nos arredores de Nova York devido a congestão. O posto meteorologico não prevê mudanças apreciaveis nos dias proximos.—

Um invento francês

que permitirá defender Paris dos ataques aereos

PARIS, 1.—Um engenheiro francês crê na possibilidade de cobrir Paris com uma camada de nuvens de um quilometro de espessura em caso de ataque aereo. Trata-se duma invenção do engenheiro Bernard Dubos, cujo principio é extremamente simples. As autoridades da defesa passiva examinam-no cuidadosamente. Foi ao estudar as trombas atmosfericas que aquele engenheiro assentou no principio que deseja agora pôr em pratica. «A tromba — afirma — é, essencialmente, uma coluna de ar em redemoinho que pode em alguns minutos aspirar, em direcção ao ceu, enormes quantidades de agua». A invenção de Bernard Dubos tende, principalmente, a provocar trombas artificiais. Provocar-se-iam assim nuvens que se estenderiam rapidamente, e poderiam tapar em algumas horas aglomerações tão extensas como a região parisiense. Os aviões inimigos cairiam numa especie de armadilha e a sua acção tornar-se-ia ineficaz.—(Havas).

A viagem dos reis ingleses

LONDRES, 1.—Anuncia-se, oficialmente, que os soberanos ingleses, de regresso do Canadá a bordo do paquete «Empress of Britain», chegarão a Southampton, provavelmente, a 22 do corrente.—(Havas).

DESASTRE FERROVIARIO

LONDRES, 1.—Em Hilgay, perto de Downham Market (Norfoll), deu-se um acidente de caminho de ferro.

A companhia London & North-Eastern Railway anuncia que houve 6 pessoas mortas.—(Havas).

LAR BOM L.DA
ENTREGUE-NOS A SUA CASA PARA DECORAR TERÀ UM PROJECTO GRATIS E UM DESCONTO RAZOAVEL
RUA AUGUSTA, 240, 1.º — Telef. 28811

CAMPIÃO & C.ª
3.000.000$00 — a 9 de Junho
RUA DO AMPARO, 116 — LISBOA

MOBILIAS
A casa **J. Antunes** é a primeira em apresentar as **mobilias** e **decorações** mais modernas e de gosto artistico, de fabricação perfeita, a preços economicos
VISITEM OS SEUS ARMAZENS
para apreciarem o que de melhor se fabrica em estilos modernos e antigos
D. João V, Renascença, Holandês rico, etc.
135 — RUA CONDE REDONDO — 137

MATTE ILDEFONSO
O UNICO JÁ QUEIMADO
E' o **CHÁ MATTE** por todos preferido pela sua pureza absoluta, sabor agradavel, isenção de excitantes e economia.
Recomendado aos que sofrem do coração, rins e de qualquer orgão do aparelho digestivo.
Experimentar é adquirir a certeza
A' venda em todas as boas casas de chá e mercearias
Depositário: MARIO GANDRA — Rua da Assunção, 42, 1.º — Telef. 28679

AGUA DE **GRICHÕES**
Preciosa para a saude
Vendas — Porto: Sociedade Grichões, R. Alegria, 779. Lisboa: Tavares, R. da Betesga, 71

Estancia do Seixoso
REPOUSO E REGIME
Lixa-Douro

VASELINAS
LIQUIDAS E FILANTES
Sonap
SOC. NAC. DE PETROLEOS
R. Terreiro do Trigo, 52 LISBOA

A SITUAÇÃO INTERNACIONAL

A U. R. S. S. quere que as democracias garantam as suas fronteiras no Extremo Oriente

TOQUIO, 1.—O consul japonês em Moscovo, entrevistado no seu regresso ao Japão pel o«Hochi Shimbun», declarou que, segundo informações, a U. R. S. S. recusaria a aliança anglo-francesa emquanto não abrangesse o Extremo Oriente.—(Havas).

As divergencias que ainda existem entre as teses da U. R. S. S. e da Grã-Bretanha

MOSCOVO, 1.—Pelo discurso de Molotov, os russos souberam pela primeira vez que o seu governo negocia um pacto com a França e a Grã-Bretanha e as potencias ocidentais souberam oficialmente que a U. R. S. S. não o assinará se não obtiver completa satisfação ás suas pretensões: uma garantia dada a todos os Estados da fronteira sovietica, sobretudo aos Estados Balticos e uma convenção militar.

Ha ainda um ponto em que os desejos russos ultrapassam os fins franco-britanicos. Com efeito, a França e a Grã-Bretanha propõem socorrer os estados que se considerem vitimas de agressão e que o peçam. Os russos querem a organização da defesa das pequenas potencias.

Ao anunciar que as negociações com o Reich poderiam renovar-se, Molotov quis dar a entender que se as negociações com a França e a Grã-Bretanha se malograrem, a U. R. S. S. encontrará a Alemanha disposta a conversar.

As duvidas levantadas por Molatov retardarão a conclusão do pacto

LONDRES, 1.—O redactor diplomatico da Press Association diz que o discurso de Molotov desaponta os que esperavam que a Russia aceitasse as propostas anglo-francesas para um pacto triangular contra a agressão, mas acrescenta que é animador saber que a U. R. S. S. está disposta a prosseguir nas negociações.

O discurso—escreve—indica de facto a aceitação do principio geral de que convém pôr côbro aos actos de agressão. A questão dos paises balticos foi discutida préviamente e presume-se que seja reatada. As duvidas levantadas por Molotov retardarão a conclusão definitiva das negociações, mas nenhum dos pontos que ele mencionou parece erguer barreiras invenciveis ao acôrdo. Ha que recordar que até esta semana a massa do povo russo ignorava tudo das negociações em curso para a conclusão do pacto. Durante anos na Grã-Bretanha o seu governo nacional e Chamberlain foram objecto de ataques formulados pela Imprensa russa. E', pois, evidente que a opinião publica deve ser preparada para que se chegue a uma mudança quasi completa da politica externa russa. E' possivel que o discurso de ontem tivesse sido largamente destinado ao interior. O debate nos Comuns ha 10 dias em que todos os partidos pediram a aliança com a U. R. S. S. foi um factor importante para uma parte e outra.

Mostrando ao governo britanico a fôrça da opinião popular nêste país, forneceu tambem uma arma ao governo sovietico. O discurso de Molatov parece sugerir que o seu governo está pronto a negociar firmemente com o Grã-Bretanha e a França. As garantias da totalidade das fronteiras ocidentais parecem ser um dos pontos a tratar em futuras conversações. As alusões á reciprocidade são dificeis de compreender, pois o governo britanico repetiu, por diversas vezes, que as suas propostas prevêem a troca de garantias inteiramente reciprocas.»—(Havas).

Actividade diplomatica

Vão a Moscovo os ministros dos Estrangeiros da Turquia e da Romenia

LONDRES, 1.—Segundo informam os jornais, o ministro dos Estrangeiros da Turquia irá a Moscovo nos meados de junho, depois da viagem de três dias que Gafenco fará áquela cidade para pagar a visita de Potemkine. Nos meios politicos aguarda-se a continuação das entrevistas politicas entre a Turquia e a U. R. S. S.—(D. N. B.).

Actividade militar

Aviação britanica

LONDRES, 1.—O total dos aparelhos de primeira linha da aviação de acompanhamento da Esquadra, cuja independencia total em relação ao ministerio do Ar foi consagrada em 24 de maio, será proximamente de cêrca de 700 aparelhos. E' claro que áquele numero se devem juntar, naturalmente, as reservas.—(Havas).

Precauções na Boemia e na Moravia

PRAGA, 1.—Foi publicada uma ordem proibindo rigorosamente que qualquer avião particular vôe sôbre as provincias da Boemia ou da Moravia.

As autoridades interrogadas sôbre os motivos dessa ordem declararam que não estavam habilitadas a fornecer qualquer explicação.—(United Press).

Noticias diversas

Em Berlim consideram provocadora a nota polaca relativa ao incidente de Kalthof

BERLIM, 1.—A nota polaca entregue ao Senado de Dantzig sôbre o incidente de Kalthof irritou o «Voelkischer Beobachter», que a qualifica de provocadora e a apresenta como «um encorajamento para novos feitos».

Afirma aquele jornal que a nota foi redigida intencionalmente num «tom que fere» para cortar as ultimas pontes entre a representação eleita da Cidade Livre e o governo polaco e pretende que Varsovia, recusando-se a chamar os funcionarios diplomaticos polacos acusados pelo Senado, quere impôr a este a «gente que mata de noite pacificos cidadãos dantzigotas».

O «Voelkisher» conclui:

«Conhecemos as esperanças polacas, ocultas por trás desta pretensão, mas sabemos que um calculo analogo terminou ha muito tempo diferentemente do que os seus autores haviam pensado».—(Havas).

A solidariedade franco-polaca

PARIS, 1.—O grupo «Energia francesa» organizou uma reunião durante a qual varios oradores dos diversos partidos discursaram para afirmar que, quando a segurança e a resistencia á agressão, bem como a honra da França e a defesa da liberdade estão em causa, não ha divisões entre franceses». Varias personalidades frisaram a solidez dos laços que unem a França á Polonia e a identidade de interesses existente entre os dois países.—(Havas).

As inundações provocadas pelas cheias do Reno na linha Siegfried

PARIS, 1.—O «Excelsior», em noticia de Estrasburgo, ocupa-se das inundações da linha de Siegried provocadas pelas cheias do Reno e afirma que todas as obras fortificadas alemãs nas proximidades do rio foram inundadas e até submersas em alguns minutos, ao norte de Estrasburgo e proximo da fronteira suiça. O desmentido alemão publicado a esse respeito declara apenas não ser verdade que a linha tenha ficado submersa, o que está certo para a parte que abrange os pontos mais altos. Quantoa inundadações da linha de Siegfried provocados alemães, aquele jornal nota que esta linha nunca sofreu com as cheias anuais do Reno.—(Havas).

RESOLUÇÃO DE ALTA IMPORTANCIA

de que é conveniente tomar conhecimento

O alto Conselho de profetas, convocado e reunido com urgência, emitiu, por unanimidade, o parecer de que a sorte grande da lotaria de Santo Antonio será vendida na Casa Travassos. Rua da Palma, 43, Lisboa.

O EPILOGO DA GUERRA DE ESPANHA

Os legionarios italianos partiram hoje de Cadiz

CADIZ, 1—Serrano Suñer jantou ontem á noite com o general Gambara, a bordo do «Sardagna», e hoje, ás 15 horas, parte com ele a bordo do cruzador «Duca d'Aosta» para Italia.

Na cerimonia da despedida, Queipo de Llano pronunciou um discurso em que disse: «Legionarios! Valentes soldados da valente Italia! Eu venho em nome de Franco despedir-me de vocês, mas nesta despedida eu não vos digo adeus, mas sim: até breve. Varias vezes, no decurso da historia, os nossos dois novos se encontraram e de novo se encontraram nesta guerra e, no futuro, se encontrarão unidos na luta pela Civilização universal».

O general aludiu ás acusações feitas no estrangeiro, segundo as quais os italianos estavam animados de espirito de conquista quanto á Espanha.

«Não viestes—disse—conquistar-nos pelas armas, mas haveis-nos conquistado pela doçura, pelo amor e pela compreensão, que são os meios mais faceis de conquistar os espanhois. Por isso seremos sempre fieis á Italia, estaremos dispostos á colaboração e, se fôr necessario, dispostos a alinhar a seu lado, de preferencia a alinhar por aqueles que outra coisa não fizeram senão perseguir-nos, tentar esmagar-nos e cobrir-nos de oprobrio».

Os italianos aclamaram freneticamente o general Queipo de Llano, quando pronunciou estas palavras. Em seguida, o general Gambara, aproximou-se do microfone e gritou: «Viva a Espanha! Viva a Italia!».

Seguidamente, falou Jimenez Caballero, conselheiro da Falange, que exaltou os laços de raça e de sangue que unem os dois povos.

O discurso de Serrano Suñer

Finalmente, Suñer tomou a palavra. Eis as principais passagens do seu discurso, segundo a Agencia Nacional:

«Soldados de Roma! Quando a vida, a honra e a propria historia da Espanha estavam em jogo, viestes juntar-vos aos nossos exercicios sem nada exigir, sem nada pedir, com desinteresse e generosidade. Em nome da minha patria e do meu Caudilho, eu venho despedir-me de vocês com palavras de comoção, gratidão e amor. Despeço-me sem tristeza e sem saudade, porque vós, na verdade, não vos ausentais daqui. E proclamo-o bem alto que em Espanha—que no seu proprio interesse deseja a paz, como sempre a desejou—se outra vez, como em 1936, o urso do Kremlin e alguns outros barbaros quiserem lançar a perturbação nas costas do Mediterraneo, ou se noutro recanto do Mundo ouvirmos gritar: Moscovo! nós, como uma só voz, gritaremos: Roma!»

Suñer citou em seguida as vitorias e os louros colhidos nesta campanha e acrescentou: «Não posso abraçar-vos a todos, mas faço-o simbolicamente na pessoa do vosso chefe Gambara». Suñer abraçou Gambara. As sereias dos navios surtos no porto, tocaram e a multidão e as tropas sublinharam este gesto com aclamações.

O ministro terminou o seu discurso gritando: «Viva a Italia! Viva a Espanha! Viva o Duce! Viva Franco!» As bandas tocaram os hinos italiano e espanhol. Os soldados mais uma vez aclamaram o ministro, e o primeiro navio largou as amarras e afastou-se lentamente. Os combatentes italianos deixaram a Espanha. Deixou de haver qualquer unidade estrangeira em Espanha.

Entre as tropas espanholas, que acompanham as tropas italianas a Italia, figura a primeira secção de carros de combate organizada por Franco no principio da guerra.—(H.).

Queipo de Llano partiu de avião para a Alemanha

SEVILHA, 1—A bordo de um trimotor, partiu hoje para a Alemanha o tenente-general Queipo de Llano, que foi convidado a assistir ás festas militares que se realizam em Berlim em honra da Legião Condor.

Queipo de Llano, que teve uma despedida muito afectuosa, regressa dentro de poucos dias a Sevilha.—(U. P.).

Franco vai visitar o Ferrol

FERROL, 1—Franco tenciona visitar, brevemente, o Ferrol, sua terra natal. Por essa ocasião todos os navios de guerra espanhois estarão concentrados no porto.—(Havas).

Condenações em Murcia

MURCIA, 1—O conselho de guerra permanente julgou 13 habitantes da aldeia de Abarab, acusados de varios assassinios. 9 foram condenados á morte, 3 a prisão perpetua e um foi absolvido.—(Havas).

O Reich deseja alugar a ilha do Ano Bom

PARIS, 1—O «Excelsior» publica a seguinte informação proveniente de Madrid: «A actividade dos diplomatas alemães concentra-se presentemente numa transacção territorial que, se fôsse bem sucedida, facilitaria grandemente o trafego comercial aereo entre a Alemanha e a America do Sul. Trata-se da ilha de Ano Bom, ao largo da costa ocidental da Africa. Consta que se está exercendo pressão sobre Franco, a-fim-de se obter, não a cessão, por enquanto, mas o aluguer. Aquela ilha seria a base ideal para os aviões alemães que se dirigissem para os diversos países da America Latina. 352 milhões de francos—eis a importancia que oferece o III Reich pelo arrendamento da referida ilha».—(H.)

Martinez Barrio em Cuba

HAVANA, 1.—Martinez Barrio, antigo presidente das Côrtes espanholas, declarou á Imprensa: «O regime de Franco subsistirá emquanto continuar a tensão europeia». Barrio acrescentou que cria que a guerra europeia é quasi inevitavel e que Franco arrastará a Espanha para o conflito. O antigo presidente das Côrtes declarou que está a efectuar uma viagem pelas nações da America latina para recolher fundos, a-fim-de auxiliar os republicanos refugiados presentemente em França.—(Havas).

Chegou hoje a Berlim

o principe regente da Yugo-Eslavia

BERLIM, 1.—O principe Paulo, regente da Yugo-Eslavia, e a princesa Olga chegaram hoje a esta cidade.

Foram recebidos pelo Fuehrer, que veio de Buchtsgaden expressamente para esse fim, por Goering, que estava acompanhado por sua esposa e pelo ministro dos Estrangeiros, von Ribbentropp. Além dêstas individualidades, assistiram á chegada varios ministros do Reich e dirigentes de estado, do exercito e do partido nacional socialista.

O principe Paulo passou em revista a guarda de honra, que se encontrava em frente da estação, depois do que se dirigiu ao palacio de Bellevue, onde ficará instalado emquanto durar a sua permanencia em Berlim.

Durante todo o percurso estendiam-se formações do exercito.

O Fuehrer, que acompanhou o principe Paulo até Bellevue, receberá ainda hoje a visita dêste ultimo.

A' noite, Hitler oferece um banquete de gala em honra do principe regente.—(D. N. B.).

KELVINATO...?

... e tambem para os filhinhos de V. Ex.ª...

IMPERIUM SALÃO DE CHÁ

LANCHES·BANQUETES·ALMOÇOS·JANTARES

Rua S. Justa 105 - T 27527

Não báta em si proprio

Compre,—compre sempre as suas passadeiras, etamines, damascos, etc., na Casa Elisio Santos—Rua dos Sapateiros—trinta e dois.

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

Quem diria que na serie dos episodios da familia Hardy, que tão admiravelmente reproduzem o tipo medio da familia americana, veriamos ainda o pequeno Rooney, apaixonado?

E, no entanto, é verdade.

O mais curioso é que Mickey Rooney arranja três namoradas ao mesmo tempo, o que complica deveras a sua situação de homem pequeno, servindo á maravilha as suas fantasticas cabriolices. A sua ingenuidade, a sua alegria de adolescente, a sua ambição de ser tratado como homem são, admiravelmente expressos, pelo pequeno grande artista, que é o encanto do publico lisboeta.

Atrás do reposteiro

A actriz Maria Matos, que pretende impulsionar e tornar realidade a fundação da Casa de Repouso dos Artistas Teatrais, entrevistada pelo «Primeiro de Janeiro» do Porto acêrca da sua iniciativa, lamenta que se pretenda agora criar o Museu Teatral, solicitando do Estado um edificio proprio para a sua instalação, quando neste momento, muitos artistas vivem na mais aflitiva situação. Em sua opinião, a ideia do Museu só devia ter realização depois de fundada a referida casa de repouso.

— A bordo do «Vulcania» seguiu hoje para Nova York uma senhora da nossa melhor sociedade que, aproveitando a sua visita á Exposição, se fará ouvir nas festas do pavilhão português em fados e outras canções.

— A companhia Adelina-Aura Abranches, além do espectaculo que tem marcado para Setubal, no d ia 7,projecta realizar mais dois espectaculos no Garcia de Resende, em Evora, nos dias 12 e 13 do corrente.

— O actor Joaquim Miranda, com um grupo de colegas, projecta realizar este verão nas muitas esplanadas existentes na provincia, especaculos constituidos por autos no estilo vicentino.

— Na revista em ensaios no Apolo, «O mar tambem tem amantes», o actor Carlos Leal vai interpretar o «compére» «Ramemrão», fazendo Dina Teresa «Uma boleira do Norte» e Teresa Gomes algumas rabulas comicas.

— A revisa «Na Hora H», que Maria Matos vai apresentar em «fim de festa», no Politeama, além dos artistas da sua companhia, terá ainda um aparatoso grupo de «girls» que o realizador Piero vai começar a ensaiar brevemente.

Sporting Club de Portugal

No proximo dia 16 de junho, realiza-se na sala de espectaculos do Capitolio, a récita anual deste clube, com a comedia em 3 actos e um quadro de Felix Bermudes e João Bastos «O A's de «football», desempenhada por amadores desta colectividade e ensaiada pelo comediante Joaquim de Oliveira.

Dina Teresa na «Varanda dos Rouxinois»

Dina Teresa, a interprete inesquecivel da «Severa», que Leitão de Barros revelou no «écran», vai entrar na sua nova produção: A Varanda dos Rouxinois. *O brilhante realizador não quis repetir o «cliché» fotografico, digamos assim. Dina Teresa vai fazer um papel alegre, «estarola», em que, deliciosamente, se caricatura uma «estrela» de teatro.*

O EXITO DE MARIA LALANDE

em «Ferias da Pascoa», no Brasil

A critica fluminense recebeu com o maior entusiasmo a peça de Romain Coolus, «Férias da Pascoa», traduzida por Norberto Lopes, que a companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro representou no Rio de Janeiro em 5.ª récita de assinatura. Todos os criticos elogiam sem reservas a peça e o desempenho, referindo-se com os maiores louvores ao trabalho de Maria Lalande, a grande revelação da companhia do Nacional.

O «Jornal» escreve:

«Estamos em face duma artista de mérito invulgar, embora seja quasi uma menina... A sua interpretação foi um verdadeiro encanto. Viva, graciosa, movimentando-se com facilidade, deu expressão a cada detalhe com a sua admiravel capacidade de interpretação. As cenas mais intensas, como a da crise de nervos, e de dialogos mais dificeis, como os com sua mãi e com Canterel, consagraram-na como artista».

Por sua vez, o critico do «Diario Carioca» confessa:

«Cada dia que se passa mais se impõe o elenco brilhante, verdadeira escola de representar, que é a companhia Amelia Rey Colaço. Agora, cabem todas as honras a essa pequena e grande actriz que nos vem afirmar que tão cedo não diminuirá, e muito menos desaparecerá, o verdadeiro teatro na patria de Angela Pinto.

«E' tão grande, tão perfeito, tão estudado o seu «Mario», o papel que ela criou em «travesti» na lingua portuguesa, que não há palavras que possam descrever com facilidade o que ela nos deu de arte, anteontem, debaixo duma chuva de palmas que eram só dela».

E o «Diario de Noticias» conclue:

«Se Romain Coolus, ao delinear a sua comedia escreveu o papel de «Mario» visando um interprete da sua predilecção, esse actor dificilmente o movimentaria com maior verdade e espontaneidade do que o fez ontem Maria Lalande. Uma grande sensibilidade ao serviço de um grande temperamento artistico».

A «Gazeta de Noticias» diz que «o enredo está bem delineado e é perfeito o desenrolar da comedia e profundamente humano o desfecho». Referindo-se ao trabalho de Maria Lalande, diz que ela revelou «elevado sentimento artistico a par de um perfeito jogo de cena».

Antonio Guimarães, no «Correio Português», afirma que se trata dum «caso de psicologia bastante curioso... lição educativa para as mãis... trabalho original como obra teatral, perfeito mesmo sob alguns pontos de vista, nomeadamente o terceiro acto».

E acrescenta:

«A interpretação da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro foi, como nos anteriores trabalhos, de um grande valor de compreensão e daquela probidade profissional a que já estamos habituados».

Acêrca do trabalho de Maria Lalande chama-lhe um «caso sensacional» e diz que ela teve «detalhes encantadores».

Braz de Pina, na «Batalha», emite esta opinião:

«Férias da Pascoa», que encerra episodio familiar desenhado em toda a sua nudez subtil e delicada por um profundo observador, desenrola-se em optimos dialogos e dentro de cenas encantadoras, desempenhadas com a mais notavel naturalidade por Amelia Rey Colaço, Lucilia Simões, Robles Monteiro e Maria Lalande», e classifica esta ultima de «vibrante sensibilidade artistica».

Outro critico, Mario Nunes, diz que se trata de «um estudo de psicologia infantil bem conduzido. Uma peça em que as cenas bonitas se sucedem para chegar ao apogeu da profunda emoção final, provocadora de ruidosas palmas» e louva a «adoravel infantilidade com que Maria Lalande desempenha o seu papel».

«Férias da Pascoa», como se verifica, constitui um triunfo para a jovem e talentosa actriz, que foi obrigada a vir ao proscenio receber as palmas delirantes da assistencia e viu o seu camarote cheio de individualidades portuguesas e brasileiras, entre as quais se contava o embaixador de Portugal, dr. Martinho Nobre de Melo.

«Homens com asas», no São Luiz

Mais um filme de aviação. Este diferente dos outros. Distingue-se pelo colorido, de ordinario bom, sobretudo nos exteriores, e pela historia que nos conta. Uma historia simples e bela, de nossos dias. A historia da aviação, com o seu tragico e constante martiriologio. Claro que o filme não remonta aos tempos, em que os deuses helenos audavam pela terra, ou voavam contra o sol, num simbolo de aspiração humana, como esse tão maravilhoso Icaro. Nem mesmo sequer nos fala de Bartolomeu de Gusmão, ou de Montgolfier. Seria interminavel. De resto, as tentativas a valer do homem voar nasceram pouco depois deste lento e sorumbatico seculo XX ter começado. O realizador revelou uma notavel inteligencia. Sobre o fundo documental tinha que bordar um entrecho. Conseguiu-o, plenamente, sem maçar o publico com datas, ou episodios alheios á acção. Os principais factos da aeronautica estão ali marcados. Ha uma referencia a Gago Coutinho e Sacadura Cabral, cujos nomes de resto não se citam, que devia ser mais explicita. O ponto nevralgico do conflito é uma mulher, que se sente dilacerada entre dois amores, mas que cumpre, nobremente, o seu dever de mãi e de esposa. Muito belos os vôos de acrobacia, com verdadeira sensação de perigo. Vê-se tambem um combate aereo, na Grande Guerra, focado muito de perto, e absolutamente exacto. Desempenho primoroso.

A destacar, entre os complementos, uma historia muito engraçada do marinheiro Popeye, e uma reportagem sobre a visita dos reis de Inglaterra ao Canadá.—*Visor 38.*

«Odio Impecavel» e a «Revolta da Tripulação», no Coliseu

Estrearam-se ontem no «écran» do Coliseu dois empolgantes filmes: «Odio Impecavel», que gira em volta duma cena presenciada por uma rapariga, no dia exacto em que concluiu o seu curso numa escola. Encontra-se numa estação de caminho de ferro e, por acaso, assiste ao roubo dum caixote com dinheiro, seguido de tiroteio. Por milagre não é vitima dos gatunos capitaneados por Holden. Este filme é admiravel de enrêdo e belos lances audaciosos, tendo um «happyend» a gosto do publico.

«A Revolta da Tripulação» é uma obra palpitante de aventuras, que decorre no mar. Tem beleza, ternura, humanidade e audacia. Os marinheiros, a certa altura, insubordinam-se para irem descobrir um tesouro de perolas. O capitão do barco, velho lôbo do mar, viaja com a filha, conseguindo salvá-la de todas as ciladas. A cena da morte é muito bem feita.—*Visor 37.*

O estupendo sucesso de ontem, repete-se hoje no Coliseu

Volta hoje o publico a vibrar no Coliseu com o sucesso das estreias de ontem: — os dois filmes que trouxeram uma nota de novidade aos «écrans» dos nossos cinemas: «A Revolta da Tripulação», a agitada vida do mar,superiormente interpretada; e «Odio implacavel», filme de aventuras do Oeste, com Buck Jones. Preços poularissimos. Sabado: «matinée».

Um artista excepcional

Estreia-se amanhã, no Capitolio, o celebre transformista enciclopedico Schäffer

Causou o maior interesse e curiosidade a noticia que ontem demos de que se encontrava em Lisboa o famoso artista enciclopedico Schäffer.

SCHÄFFER

Este facto levou a empresa do Capitolio a contratá-lo, juntando assim mais uma atracção sensacional ás muitas já ali apresentadas.

Como Schäffer se encontra em Lisboa de passagem para a America, e se demora entre nós uma escassa meia duzia de dias, os espectaculos a realizar serão apenas cinco, a começar amanhã.

Sylvester Schäffer, o maior artista de variedades do mundo, transformista, «jongleur», pintor relampago, atirador, musico, excentrico e atleta, apresentará a «Revista Magica» com cenarios e adereços proprios.

Colaboram no surpreendente espectaculo a formosa bailarina Lilly Krugger, da Opera de Berlim, e Petro Schäffer, prodigioso artista musical infantil, e um encantador friso de «girls».

VISITE A ONIX O CALÇADO MAIS
COMPRE CONFORTAVEL
USE E ELEGANTE
RUA GARRETT, 27
TEL. 2 2217

PROGRAMAS DE HOJE

São Luiz — Telef. 21172 A's 21 e 30 horas — HOMENS COM ASAS — com Fred Mc Murray, Ray Miland e Louise Campbell

CENTRAL TEL 24381 — Telef. 24381 — A's 21 e 30 — O ANJO com Marlène Dietrich — Princesa da Selva — Preços unicos: Dia, 2$50 Noite, 3$00

CAPITOLIO — Telef. 2 7493 A's 21 — Falso testemunho — Cavaleiro sem armas

LYS — Tel. 48560 — Se eu fôra rei... — Meu marido vai casar

Pavilhão Português — O Principe e o pobre — E's doido mas quero-te

TIVOLI — A's 21 e 30 — TELEF. 5 0595 — Andy Hardy apaixona-se — com Mickey Rooney, Lewis Stone, Judi Garland, Cecilia Parker e Fay Holden

POLITEAMA — A's 21 e 30 — Telef. 26305 — Ele... e ela — com Charles Boyer e Irene Dunne — A gloriosa cancionista brasileira — Olga Velho

REX — Telef. 2 9658 — A's 21 — Uma francesinha em Nova York — O espelho da vida

PARIS — A's 21 horas — Prestigio do uniforme — Sou o assassino

EDEN — A's 21 e 30 — Telef. 2 0768 — ULTIMA — Por detrás da Fachada — com Lucien Baroux, Jules Berry, Michel Simon, Eric V. Stroheim, Gaby Morlay, Elvira Popesco, Betty Stockfeld, etc.

CONDES — A's 21 e 30 — Telef. 2 2523 — PREÇOS POPULARES — QUERO SONHAR CONTIGO — com Freed Aster e Ginger Rogers — RAINHA VICTORIA — com Annie Neagler e Wolbroock

TERRASSE — Telef. 2 9017 — Se eu fôra rei... — Meu marido vai casar

CASINO ESTORIL — A's 21 e 30 — Gunga Din

ROYAL CINE PAREDE — A's 21 e 30 — Telef. 110 — Como se vence em Hollywood — Assassinos do Mar

AVENIDA — A's 9 e 45 horas — Consciencia — DE Ramada Curto

VARIEDADES — HOJE: A's 9,30 e 11 horas — A opereta-maravilha de 1939 — RIBATEJO — Criação admiravel da vedeta MIRITA CASIMIRO

APOLO — A's 9 e 11 horas — A revista de «Artistas Unidos» — LA VAI LISBÔA! — Com o grande «Miudo d'Ajuda»

Sem rumo...

Dizeres a apreciar

Quando um cauteloso detractor de actos outro epiteto mais não pode acrescentar contra alguem, clama—é doidice. Certo, visto a inteligencia confinar com a loucura, mas como a saude com a doença, como hypérémia com a congestão, na igualdade dos extremos que se tocam.

Desafia-se, porém, que o absolutamente calmo tenha um rasgo de proceder poetico, de elevação. Segue, apoucado, vulgar, banal, idiota.

Não ha proceder, fora da trivialidade egoista, sem algum delirio, deferencia, sem um pouco de anormalidade. A doidice de Shakespeare e de todos os grandes, semi-doidos, da Renascença: a leitura o atesta, cada vez mais apreciavel e recomendada do conceito.

Pense-se, tambem, nas admiraveis cantigas e musicas populares, de todos os países,—flores maravilhosas, desabrochadas, sem cultura, sob uma chuva de lagrimas ou sob a irradiação da alegria perturbada.

Só o animo, que abale alto um sentimento, gozará, pelo menos um minuto, a grandeza, ser um verdadeiro poeta, ou um grande artista, a aplicar-se-lhe aquela quadra do literato francês, que para o nosso idioma assim se traslada:

E' verdade, é bem vulgar
Doidos aos poetas chamar,
Não sois poeta, p'la razão
De que ha doidos que o não são.

* * *

A diferença existente entre a vida civilizada e a vida selvagem era, já para Cicero, a do direito e a da força.

O lamentavel é que sem possuir o poder, nada se faz.

* * *

Para Ruskin — e, felizmente, para muitos artistas — toda a grande arte não é mais do que adoração.

* * *

Ser incapaz de entusiasmo é um visivel sinal de mediocridade, no dizer de Descartes. E a indiferença não será ainda um pior vestigio?

* * *

Chardin ensinava que não é com côres que se pinta, mas com a alma.

O mau é que nem todos a têm como a dele ou, ao menos, lhe dão uso.

* * *

Cicero preferia o testemunho da sua consciencia a todos os discursos que se conseguissem fazer, e Pascal preconisava ser ela o melhor livro de moral, que se pode possuir.

Para os que a tiverem.

* * *

O Ecclesiastes manda combater pela justiça até á morte. Contra, se ela se desvendar e ferir a vida.

* * *

Deixou Pitagoras a asserção de «que homem justo não é aquele que não faz mal a outro, mas sim aquele que tendo o poder de prejudicar reprime a vontade». A integridade sem reprimencia.

* * *

Segundo o belo conceito de Taine, como a felicidade e a beleza não existem, inventaram as artes, que delas formam a imagem.

Mas, infelizmente, as malasartes têm outra.

* * *

O pão é a vida do pobre e a justiça deve ser o seu amparo. Quem dela o priva e, sãmente, a não pratica ou nem sequer faça respeitar a lei — é um assassino.

JOSÉ PARREIRA

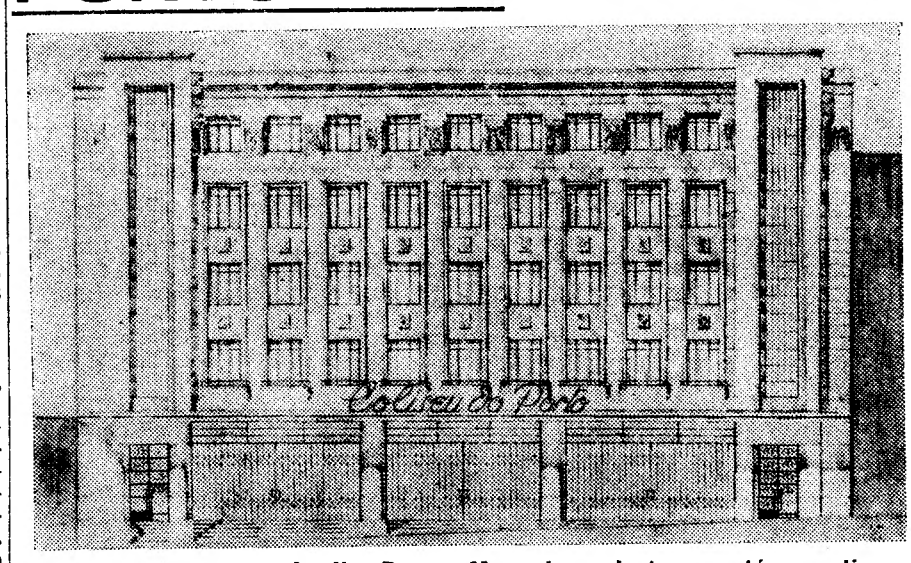
REUNIÃO DE CURSO

O curso juridico de 1913-18 reune-se em Coimbra no dia 13 de junho proximo.

As adesões devem ser enviadas para Viseu a Anibal de Figueiredo, ou para Sintra, a Jacinto Carreiro.

CALDELAS
Colites, Sindromos enterocoliticos, tiflites e toda a patologia do intestino e suas consequencias.
COLIBACILOSES
10 de Junho a 10 de Outubro

PORTO—1940



A empresa do antigo «Jardim Passos Manuel» projectou e está a realizar a construção do «Coliseu do Porto» cujas obras estão muito adiantadas e devem estar concluidas em 28 de fevereiro do proximo ano. A nossa gravura representa o projecto da fachada do «Coliseu do Porto», da autoria do arquitecto sr. Julio de Brito

Tauromaquia

Tourada em Almeirim

Na nova praça de Almeirim, correm-se, no dia 4 de junho proximo, oito belos toiros que varios lavradores ribatejanos oferecem e serão lidados pelos cavaleiros D. Alexandre de Mascarenhas (Fronteira) e D. João de Mascarenhas, e pelos bandarilheiros e antigos amadores srs. Malhou da Costa, Gama Lobo e Manuel Casimiro de Almeida e os profissionais M. Raimundo, J. Oliveira, Antonio Dias, P. Gorjão, campeão dos saltos de vara, Alé e Plá Flores. Forcados, o famosissimo grupo de amadores de Santarem, chefiados por Antonio de Abreu, grupo unido e valente, que sempre pega todos os toiros e que dispõe de brilhantes especialistas para pega de cara e de volta.

INVALIDOS DO COMERCIO

Numa das montras dos Grandes Armazens do Chiado, á rua do Carmo, continua exposta, a mobilia sanitaria destinada á enfermaria da Casa de Repouso de Invalidos do Comercio.

A referida mobilia, que é do modelo mais recente em construções deste genero, foi adquirida por meio de contribuição voluntaria entre o comercio, recolhida por um grupo de socios daquela benemerita instituição.

Juntamente com o referido mobiliario foi adquirida tambem pela «Comissão de Amigos de Invalidos do Comercio» uma esplendida maca rodada, de igual tipo, para a condução de doentes, que se encontra exposta no mesmo local.

NÃO CONFUNDIR

A UNICA BOQUILHA EFICAZ!
Repr. Victor Chaskelmann & C.ª
Rua da Palma, 268—Lisboa

CALDELAS
GRANDE HOTEL DA BELA VISTA
O melhor da Estancia completamente modernisado. **ABERTURA A 10 DE JUNHO**

CASINO ESTORIL
Aos sabados: Jantar á Americana
Preço: Esc. 20$00
Nos restantes dias: Jantar dançante
Preço: 12$50

Bilhetes especiais:
Todos os dias, excepto sabados e domingos **Comboio,** (2.ª cl. ida e volta) e **Jantar ou Ceia, Esc. 16$,** incluindo Taxas, serviço, autocarro da Estação ao Casino e entrada. **TODOS OS DIAS: comboio,** (2.ª cl, ida e volta) **autocarro** da Estação ao Casino, **entrada** e um **vale** de Esc. 2$50 para consumo no Restaurante e Bars do Casino **Esc. 12$50.**
A' venda nas bilheteiras do Cais do Sodré

Todos os dias; de tarde chá dansanta excepto sabados e á noite baile e cineme **Orquestra Almeida Cruz.**

H. CENTRAL
CALDAS DE MONCHIQUE (Algarve)
Cosinheiro precisa-se para a epoca que seja muito habilitado.
Pede e dá referencias o gerente *Mascarenhas.*

A MUSICA

«Lodoletta» no S. Luiz

Para despedida da companhia e em recita de homenagem á insigne cantora Iris Adamis Corradetti, cantou-se anteontem no S. Luiz a opera «Lodoletta», de Mascagni, pela primeira vez em Portugal.

E' uma partitura em que abundam as passagens graciosas a candura, a suavidade, numa feição oposta á violencia passivel da famigerada «Cavalleria rusticana». Adamis Corradetti, na protagonista, foi mais uma vez a colaboradora preciosa dos autores, e o conjunto da representação foi mais que agradavel. Tratando-se de uma estreia, voltaremos a ocupar-nos detalhadamente da «Lodoletta». Mas queremos dizer desde já que Adamis Corradetti, ovacionada com insistencia no final, deixa em Lisboa um duradouro rasto de admiração e simpatia. A seu lado, foram chamados ao palco o maestro Angelo Questa, e Ercole Casali, o conhecido empresario da temporada assaz feliz.—*F. B.*

Sociedade de Concertos

Realizou-se anteontem no Politeama, o 1.º concerto do violinista Joseph Ezigeti, com um programa notavel. Entre outras obras, Sonata op. 47, de Beethoven, a «Chaconne» de Bach, o «Poema» de Chausson, a Dansa Russa da «Petruchka» de Sharwinsky. Hoje, aguarda-se com vivo interesse o 2.º concerto, em que colabora a Orquestra Sinfonica Nacional, sob a direcção do maestro Pedro de Freitas Branco, e em que serão executados o Concerto de Beethoven, e um concerto, absolutamente contemporaneo, de Ernest Bloch.

Maria da Graça Amado da Cunha

No Sindicato Nacional dos Musicos, realiza-se hoje, ás 21 e 30, o recital de piano por Maria da Graça Amado da Cunha, de que o *Diario de Lisboa* se tem ocupado.

O programa completo é o seguinte:

Preludio e Fuga, (1.ª audição), Buxtelmde—Prokofieff; Partita em mi menor, J. P. Bach; Sonata em lá maior, op. 101, Beethoven; Le Printemps (1.ª audição), D. Milhaud; Sonata, (1926) Béla Bartok; Três Preludios, de Luiz de Freitas Branco! «Valses Nobles et Sentimentales», Ravel.

Refeições para os pobres

SEIA, 28.—Com grande assistencia, inaugurou-se nesta vila a Associação de Assistencia aos Pobres ao concelho de Seia, benemerita iniciativa do presidente da Camara, sr. dr. Antonio Borges Pires.

As refeições, que desde já são fornecidas a 20 pobres, são servidas no dispensario da A. N. T. para tal provisoriamente adaptado.

Além das refeições, gratuitas, serão tambem fornecidas refeições pagas para quem delas se queira aproveitar, aos preços de 1$50 e 1$80.

A refeição de hoje foi muito concorrida, nela tomando parte a gente de maior nepresentação desta vila, sendo o seu produto de 350$00 aproximadamente.

AGRESSÃO A' SACHOLADA

CASTRO DAIRE, 31—. (Pelo telefone)—Ontem, ao findar da tarde, no lugar de Monteiras quando Florencio Pereira casado, discutia acaloradamente com José Pinto, tambem casado, por uma questão de contas, o primeiro vibrou uma forte pancada com uma sachola na cabeça do Pinto, deixando-o ás portas da morte. O agressor foi preso.

TERMAS DE CALDELAS
Doenças do aparelho digestivo
SINDROMOS COLIBACILARES
10 de Junho a 10 de Outubro

A' margem da semana

Um centenario

Devia celebrar-se e creio será celebrado, em novembro deste ano de 1939, o centenario do romancista português Julio Diniz.

A mulher portuguesa mais do que ninguem tem razão de dar o seu apoio a essa homenagem, prestada a um escritor que dignificou a mulher da nossa terra apresentando-nos dela admiraveis retratos, talvez embelezados, mas verosimeis, posso mesmo dizer verdadeiros, porque a mulher das nossas provincias, a que é bem criada, crente, de formação moral desenvolvida no ambiente são duma familia afectuosa e unida, é assim afavel e dedicada, simples e carinhosa, é a mulher que faz a felicidade do lar, e se torna amada e respeitada do marido, dos filhos e de quantos a cercam, indispensavel á vida, á alegria e á boa ordem da sua casa e dos seus.

Quem é que não tem conhecido, no decorrer da sua existencia, uma Guida semelhante á das «Pupilas do Senhor Reitor»; uma Lena ou uma tia Dorotéa como as da «Morgadinha dos Canaviais»; uma Cecilia como a da «Familia Inglesa»; uma Berta ou uma Ana do Védor como as dos «Fidalgos da Casa Mourisca»?

Como essas mulheres, serenas, honestas, sinceras na sua singeleza, modestas nas suas aspirações, nos repousam das costumadas heroinas de romance, com as veementes paixões, que destroem lares e infelicitam a familia!...

O professor sr. Arlindo de Sousa, que lançou o alvitre do centenario de Julio Diniz, num interessante opusculo sobre a sua vida e obra, diz assim, falando dos delicados tipos de mulher desenhados pelo romancista:

«Espelhemo-nos, extasiados, nessas imagens puras e santas de mulheres, que perfilam aos nossos olhos como formações divinas! Que saudades elas nos deixam quando a realidade as leva!».

O ilustre romancista portuense. Joaquim Guilherme Gomes Coelho, merece que não só o Porto, mas tambem Lisboa festeje o seu centenario, como alvitra o sr. Arlindo de Sousa.

Neste ano de comemorações nacionalistas, que coincide com o centenario de Julio Diniz, fica bem a homenagem prestada a um escritor que com tanto relêvo descreveu a nossa provincia e as suas figuras, apresentando-nos almas lavadas e paisagens claras, burgos antigos e corações moços.

A mocidade deve simpatizar com este centenario.

MARIA DE CARVALHO

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses
S. A. R. L.

Para conhecimento do Publico se ánuncia que a partir do proximo dia 15 de Junho será encerrada, no apeadeiro de Entre-Campos, a serventia de acesso pela Avenida da Republica e aberta a nova serventia com acesso pela Rua Chaby Pinheiro.

ESTORIL
Casa vende-se ou aluga-se
A 300 metros da estação com todas as comodidades modernas, ampla garage, jardim, quintal, etc. Tratar na mesma, Parque Estoril Rua Melo e Sousa, Chalet Maria Manoela. Tel. 203. Tambem informa Lino, banheiro, ou o chefe do Caminho de Ferro.

POLICLINICA DA RUA DO OURO
Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º
Pele e Sifilis—Dr. Correia Figueiredo, 6 h.
Doenç. nerv. electroterapia—Dr. R. Loff, 3 h.
Medic. coração, pulmões—Dr. A. Narciso, 5 h.
Cirurgia. Operações—Dr. Bernardo Vilar, 5 h.
Rins, v. urinarias—Dr. M. Magalhães, 12 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Matos, 2 h.
Garg. nariz, ouv.—Dr. F. Calheiros, 3 e 30. h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo, 4 h.
Doenç. das crianças—Dr. Silva Nunes, 5 e 30.
Doenças sr.as operações—Dr. O. Afonso, 2 h.
Boca, dentes, protese—Dr. A. Lima, 12 h.
Raios X—Dr. Aleu Saldanha, 6 h.
ANALISES CLINICAS
TELEFONE 2 6519

TAMARIZ
ESTORIL
Mariscos, Aperitivos, Refrescos e Chás
Aprazivel recinto com divertimentos, para creanças

Vida desportiva

FOOTBALL

«Taça de Portugal»

De harmonia com o sorteio realizado em 22 de maio, foram marcados para o proximo domingo, ás 17 e 30, os seguintes jogos da 2.ª «mão», dos quartos de final da «Taça de Portugal»:

Em Lisboa—No campo da Tapadinha: Carcavelinhos-F. C. do Porto; arbitro, Eduardo Augusto, de Setubal; delegado da Federação, dr. Virgilio Paula; no Estadio do Lumiar: Sporting-«Os Belenenses»; arbitro, João Vaz; delegado, capitão Rafael Sergio Vieira; no campo das Amoreiras: Benfica-Nacional da Madeira; arbitro, Santos Palma, de Santarem; delegado, Militão de Sousa.

No Porto—No Estadio do Lima: Academico-Academica; arbitro, Vital J. Sousa, de Lisboa; delegado, dr. Paulo Sarmento.

GIMNASTICA

Um serão feminino

No proximo sabado, ás 21 e 30, realiza-se, no Gimnasio Club Português, um «Serão Gimnastico Feminino», levado a efeito por aquele clube, em colaboração com a revista feminina «Eva». Presidirá o professor dr. Ferreira de Mira, que falará, bem como a directora da «Eva», sr.ª D. Carolina Homem Cristo, o dr. Manuel Fradinho—que realizará uma breve palestra sobre a cultura fisica da mulher—e o professor Andrés Schwarz—que dirá algumas palavras sobre os exercicios e os seus efeitos antes de cada demonstração dos metodos mais modernos de educação fisica para a criança e para a mulher, executados pelas suas discipulas.

GIMNASTICA

Sarau promovido pelo Lisboa Gimnasio

Realiza-se no dia 3, no palacio das Exposições, no Parque Eduardo VII, o sarau gimnastico promovido pelo Lisboa Gimnasio Club, como manifestação de aplauso á iniciativa do Governo que criou o Instituto Nacional de Educação Fisica.

Serão apresentados os componentes das classes e das modalidades desportivas praticadas naquele instituto de educação fisica.

TIRO AOS POMBOS

No Club dos Caçadores Portugueses

No «stand» da Quinta dos Pilares, do Club dos Caçadores Portugueses, realiza-se nos proximos dias 10 e 11 de junho. uma festa de homenagem e reconhecimento ao incansavel colaborador da secção de tiro a chumbo do clube, sr. Fernando Navarro. O programa das provas é o seguinte:

Dia 10: I, prova de ensaio, a 1 pombo, distancia «handicap»; II, taça «Record», a 1 pombo, distancia «handicap»; III, taça «Luiz de Camões», a 8 pombos, ás distancias de 22, 24 e 26 metros.

Dia 11: I, prova de ensaio, a 1 pombo, á distancia de 25 metros; II, taça «Francisco José Simões Ld.ª», a 1 pombo, á distancia de 25 metros; III, salva «Fernando Navarro», a 10 pombos, ás distancias de 22, 24 e 26 metros.

TIRO REDUZIDO

Uma carreira no Club Naval

Foi inaugurada uma pequena carreira de tiro reduzido, na sede do Club Naval de Lisboa, que funciona todas as segundas, quartas e sextas-feiras, das 21 ás 23 horas.

Este interessante melhoramento foi criado para satisfazer constantes pedidos feitos nesse sentido, tendo organizado todos estes trabalhos o dedicado socio do Naval sr. Hernani Pinharanda.

A inscrição para um torneio entre socios que está a realizar-se, encontra-se aberta na secretaria do C. N. L., até ao dia 16, data em que terminará este primeiro torneio entre socios. O numero elevado de inscritos, faz prevêr que as provas decorram animadamente.

TIRO A CHUMBO

Salva «General Silveira»

Disputam-se no proximo sabado, na Quinta dos Pilares, em S. Domingos de Benfica, no «stand» do Club dos Caçadores Portugueses, varias provas de tiro a chumbo, em «skect» e prancha.

A salva «General Silveira», em «skect», a 25 pratos, começa ás 16 horas, sendo os premios, uma miniatura da salva, e medalhas de «vermeil», prata e cobre.

Depois seguir-se-á uma prova de prancha, para disputa da salva «Santo Hubertus», a 20 pratos, tendo como premios uma salva miniatura e uma medalha de «vermeil».

NATAÇÃO

Piscina-praia da Curia

Começa a movimentar-se a piscina-praia da Curia, não só com manifestações desportivas como com festas de elegancia.

Por exemplo, no proximo dia 4 de junho, pelas 16 horas, realiza-se na piscina-praia da Curia, um chá-dansante, que faz parte da «Semana das Rosas», que começou no dia 28 de maio e termina a 4 de junho.

NOTA ECONOMICA

Industria a reorganizar

A industria de chapelaria é uma das de mais fortes tradições nacionais.

Em fins do século XVII já a importação de chapeus era proibida (Pragmaticas de 1677 e 1690) por bastar o fabrico nacional ao consumo, em quantidade e qualidade.

O *Dicionario de Comercio* de 1777 refere já exportação de chapeus, do Minho, Trás-os-Montes, Beira e Alentejo.

Com o aperfeiçoamento do fabrico operou-se tambem a sua concentração e a industria passou a ser caracterisadamente nortenha. Ha muito que os seus principais centros produtores são Braga, Porto e S. João da Madeira.

Desde ha alguns anos, porém, que a industria vive em crise, mercê do excesso da produção. Com a crise tem sofrido os industriais, á beira da ruina e o pessoal operario forçado a largos periodos de inlabor e não garantidos contra a ruina fisica, produzida por um trabalho exgotante e arriscado, dado o caracter toxico de algumas das manipulações a que é obrigado.

Por seu lado o consumo não beneficiou nada da concorrencia desorientada entre os industriais.

Teve, por isso, o Estado de intervir em defesa dos multiplos interesses prejudicados.

Foi nomeado, fóra do esquema corporativo, uma Comissão Reorganizadora da Industria de Chapelaria. O titulo diz os seus objectivos que oxalá possa integralmente atingir, para beneficio de todos.

A situação da industria não requere apenas atenções, sob o ponto de vista economico, exige-as tambem sob o ponto de vista social. Racionalizar o fabrico, concentrando-o industrialmente dentro do limite dos 800.000 chapeus, por ano que o decreto que criou a comissão previu, não será bastante, até porque tal limite de fabrico não parece economico.

Será necessario tudo fazer, ao mesmo tempo, para aumentar esse fabrico pela ampliação do consumo e pela exportação de produtos a que previamente se assegure colocação nas colonias e sobretudo nos mercados centro-americanos.

A expensas de todos os industriais se deve procurar fazer a propaganda do chapeu português nos mercados a conquistar.

Por outro lado importará nacionalizar cada vez mais a matéria prima estimulando a produção de pelos na Metropole e nas Colonias e renovar e melhorar o aparelhamento industrial das fabricas para que a produção se aperfeiçoe.

Todas essas condições facilitarão os objectivos sociais da reorganização da industria á frente dos quais aparece como mais urgente a reforma de todo o pessoal invalido ou prematuramente envelhecido.

Essa reforma não se comparecerá, porém, do encerramento absoluto e já determinado da aprendizagem que terá de continuar a autorizar-se, embora com prudencia. Ao mesmo tempo será necessario pensar no trabalho das mulheres que nesta industria foram, em certos meios pelo menos, as mais afectadas pelo desemprego dos ultimos anos.

Nessa materia, porém, ha que ter em conta que as operarias só poderão ser aproveitadas nos serviços mais leves da industria e nunca nos trabalhos pesados em que teriam de travar uma concorrencia dificil e inaceitavel com os homens.

Com essas normas creio que a Comissão Reorganizadora poderá prestar á industria de chapelaria excelentes serviços, de que beneficiarão tambem o pessoal operario e o consumo, pois haverá meio de, aumentando e concentrando a produção nos estabelecimentos industriais mais bem apetrechados, embaratecer o fabrico e reduzir os lucros do intermediario, em alguns casos excessivos.

NUNO SIMÕES

BICICLETAS
Grande baixa de preços
Pneus MICHELIN
ARMANDO CRESPO
116 — Rua Crucifixo — 124
Telefone: 2 7027

Michel
O BATON EM VOGA

Termas de Caldelas
Cura dos doentes do intestino. Estancia de repouso e regimens, devidamente saneada
ABERTURA A 10 DE JUNHO

Meias Finissimas
A preços baratissimos só no
Campião das Meias
Rua Serpa Pinto, 16-D (Ao Chiado)

Dr. Bastos Gonçalves
Calçada da Estrela, n.º 129-r/c

POLICLINICA DO INTENDENTE
Avenida Almirante Reis, 27, 2.º—LISBOA—Telefone 4 6587

DR. ABEL ALVES—Ouvidos, nariz e garganta	A's 14 h.
DR. ADELINO COSTA—Cirurgia geral. Operações	A's 17 h.
DR. ALMEIDA DIAS—Doenças nervosas. Electroterapia	A's 14 h.
DR. ANASTACIO GONÇALVES—Doenças dos olhos	A's 17 h.
DR. ARMANDO LUZES—Rins e vias urinarias	A's 13 h.
DR. ARMANDO VALLE—Analises clinicas, vacinas	A's 11 h.
DR. ARTUR PACHECO—Doenças da pele e sifilis	A's 17 h.
DR. BENARD GUEDES—Raios X	A's 16 h.
DR. CARLOS FRADIQUE—Assistente livre da Faculdade de Medicina e interno dos Hospitais—Doenças das crianças	A's 17 h.
DR. FERNANDO DE CASTRO AMARO—Medicina Geral	A's 15 h.
DR. FORMIGAL LUZES—Ondas Curtas, V. violetas, Electro Therapia, Maçagens	A's 13 h.
DR. MARCELINO MARTINS—Doenças da boca e dentes	A's 10 h.
DR. MARIO ROSA—Clinica geral, estomago e intestinos	A's 15 h.
DR. D. PEDRO DA CUNHA—Partos. Doenças das Senhoras	A's 15 h.
DR. VASCO DE LACERDA—Clinica medica, coração e pulmões	A's 16 h.

Vida mundana

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de Correia Bettencourt, D. Joaquina de Avilez Pinto Basto de Sá, D. Ana de Mendonça de Carvalho Daun e Lorena, D. Arminda Kuth, D. Helena Rocha Jorge e D. Maria da Penha de Lemos Mullier.

NASCIMENTOS

Teve o seu bom sucesso, dando á luz uma robusta criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria do Ceu Pereira Fernandes Marinho, esposa do sr. Henrique Pascoal Marinho.

Mãi e filho encontram-se, felizmente, bem.

CASAMENTOS

Sendo celebrante o rev. padre José Cabral, realizou-se na maior intimidade o casamento da sr.ª D. Maria Guilhermina Pinto de Lemos Sampaio e Melo Noronha, gentil filha da sr.ª D. Maria Palmira de Vasconcelos Pinto de Lemos e do sr. dr. João Noronha, com o sr. Antonio Pegado de Castro Pereira Teixeira Lôbo Pinto Pizarro, filho da sr.ª D. Corina Teixeira Lôbo Pizarro e do sr. dr. Manuel de Castro Pereira Teixeira Lôbo Pizarro.

— Na paroquial igreja da Estrela, realizou-se o casamento da sr.ª D. Alice Cancela Infante de La Cerda, gentil filha da sr.ª D. Laura Rebelo Cancela Infante de La Cerda e do sr. Camilo Magalhães Coutinho Infante de La Cerda, com o sr. dr. Alexandre José Pinto Basto Ribeiro da Cunha, filho da sr.ª D. Vera Ferreira Pinto Basto Ribeiro da Cunha e do sr. José de Castelbranco Ribeiro da Cunha.

Foi celebrante monsenhor Domingos Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução aos noivos.

Serviram de padrinhos da noiva a sr.ª D. Laura Pereira Palha Infante de La Cerda e D. Maria Cancela Emidio da Silva, e do noivo os srs. almirante Antonio Jervis de Atouguia Pinto Basto e José Antonio Pinto Basto Ribeiro da Cunha, respectivamente avó e irmão do noivo.

Aos noivos foram oferecidas lindas e valiosas prendas.

—Na capela de Nossa Senhora de Monserrate realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria José das Dores Mayer de Morais Palmeiro (Regaleira) com o sr. engenheiro agronomo Manuel Fuschini Perfeito de Magalhães e Meneses de Vilas-Boas. Serviram de madrinhas da noiva sua tia, a sr.ª condessa do Cartaxo e sua con-cunhada a sr.ª D. Ana Maria Vilar da Costa Lima de Morais Palmeiro (Regaleira), e de padrinhos do noivo, seus pais e irmão, srs. Fernando Perfeito de Magalhães e Meneses Vilas Boas e Augusto Fuschini Perfeito de Magalhães e Meneses Vilas Boas.

Finda a cerimonia religiosa, a que assistiu grande numero de parentes e pessoas amigas, foi servido um fino lanche em casa das irmãs da noiva.

Os noivos partiram para S. João do Estoril a passar a «lua de mel». Foram-lhes oferecidas muitas e valiosas prendas.

A CARIDADE

Nos jardins do palacio Burnay

Na revista «Olha o balão!», que será representada no teatro de variedades do «Arrraial Português» de caridade, que uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade leva a efeito a favor da Casa de Protecção e Amparo de Santo Antonio, nas tardes e noites de 1, 3, 4, 10, 11 e 12 de junho nos jardins do palacio Burnay, á Junqueira, serão desempenhados os principais papeis pelos seguintes amadores, pertencentes á nossa melhor sociedade: D. Maria José de Barros da Costa Belmarço, D. Maria Manuel Zilhão, D. Maria Leonor Correia de Sampaio Botelho, D. Rita Morales de los Rios de Castro e D. Maria Cecilia de Castro Pereira de Carvalho e os srs. D. Antonio de Bragança (Lafões), Edgard Plantier, Manuel e Pedro de Brito e Cunha.

Os poucos bilhetes que restam para os varios espectaculos da revista «Olha o balão!» devem ser requisitados para casa da sr.ª viscondessa de Atouguia, telefone 6 1667.

NA COSTA DO SOL

No Palacio-Hotel

Amanhã as salas do Estoril-Palacio-Hotel vão receber novamente a nossa sociedade eleganto no «jantar á americana», ponto de reunião que todas as sextas-feiras tem tido enorme e selecta concorrencia, não só de senhoras de nossa sociedade, como de muitas estrangeiras.

EM VIAGEM

Acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Maria Clara de Matos Fernandes de Vasconcelos e Sá, e de sua gentil filha D. Maria Luiza, esteve em Lisboa, vinda da sua casa de Evora, aonde já regressou, o major de cavalaria e comandante do batalhão n.º 25 da «Legião Portuguesa», o sr. João de Vasconcelos e Sá.

—Partiu para a Baratã, nos arredores da capital, com sua prima a sr.ª D. Maria Clementina Lisboa Achemann, e de seu sobrinho Renato, a sr.ª D. Aurelia Fidousa de Lemos Lisboa, esposa do sr. José de Serra e Moura de Lemos Lisboa.

O encanto natural da mulher que quere conservar a sua beleza deve ser completado com uma escolha criteriosa de produtos de beleza.

Os produtos de beleza RAINHA DA HUNGRIA embelezam, provocam e conservam o encanto. Para peles normais deve substituir-se o sabonete pela PASTA DE AMENDOAS RAINHA DA HUNGRIA, que refresca, torna a pele fina, transparente e aveludada. Preserva a pele do cieiro, manchas, sardas e irritações. Conserve a frescura do seu rosto com AGUA RAINHA DA HUNGRIA, que purifica a epiderme e limpa os poros. Use o PO' DE ARROZ RAINHA DA HUNGRIA e aplique na sua «toilette» os CREMES de dia e de noite que evitam rugas, tonificam e aveludam a epiderme.

Para cada caso especial da sua pele consulte a

Academia Scientifica de Belleza

Av. da Liberdade, 35 — Lisboa

Telef. 2 1866

Os nossos produtos encontram-se á venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

AUTOMOBILISTAS

Pneus de todas as marcas.

Venda de pneus novos. Aceitamos os usados.

Montagem gratis.

Pneus em 2.ª mão de todas as medidas. Se querem ser bem servidos consultem a casa.

SANTOS & AFONSO

Largo do Andaluz, N. 5 -- LISBOA

TELEFONE 4 5971

Amamente...

O seu filho com abundancia e higiene, sem perda das suas forças, evitando:

a fraqueza
as tonturas
a dôr de peito
a dôr de costas.

Tome farinha de fava ou Favacau.

São farinhas proprias para criar forças e produzir abundancia de leite.

Farinha de fava, o quilo . . . . . 4$00
Favacau, quilo . . . . . 6$00

Peça um folheto, gratis, com preços, forma de preparar os caldos e explicações diversas.

A Mariazinha

Rua Barros Queiroz, n.os 26 e 28

(á Igreja de S. Domingos)

PARTEIRA

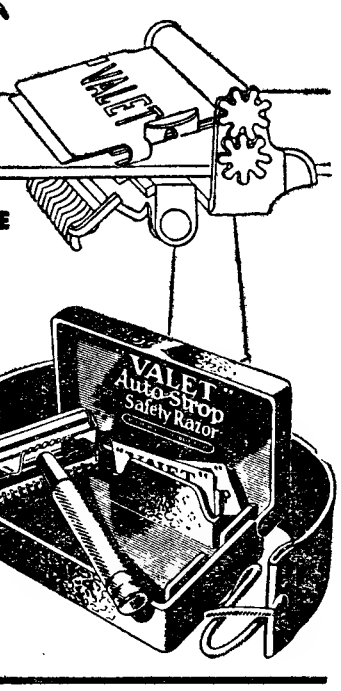
ESPECIALIZADA

R. Augusta, 275, 4.º Telef. 2 9607

Partos, tratamentos. Consultas gratis

BASILISA PEDROSA

VALET



N.º 99 EM CAIXA DE MOLDRITE

A nova Valet "99" representa um valor maior do que nunca. É uma velha e extraordinariamente modernisada favorita. Compõe-se de uma nova máquina Valet, de um assentador e de 3 laminas numa caixa de moldrite.

A Nova "99" representa a forma mais rapida e mais económica de fazer a barba. **Esc. 23$00**

Agencia em Lisboa:
Rua da Conceição, 75, 1.º

CALDAS DA FELGUEIRA

Canas (Beira Alta) **Balneario e Grande-Hotel-Club ABRIRAM HOJE**

As melhores aguas medicinais para a cura das BRONQUITES

Unicas para o tratamento das DOENÇAS DO CORAÇÃO, FLEBITES E AFECÇÕES DA PELE

Absolutamente regularizadoras da TENSÃO ARTERIAL

As de maior radio-actividade

Informações, em Lisboa — Rua do Ouro, 273

O meu pé fazia-me sofrer tanto...

Tive que calçar uma pantufa para poder ir ao mercado

As outras pessoas riam-se quando me viam assim. O meu pé, porém, estava tão inflamado e dorido, com calos, endurecimentos e joanetes que me era impossivel metê-lo num sapato sem sofrer enormes dôres.

Só quem sôfra como eu tenho sofrido póde avaliar a minha satisfação ao encontrar um meio simples e fácil de pôr termo a todos estes suplicios dos pés.

Um amigo meu falou-me dos resultados quási mágicos dum banho de pés oxigenado com os Saltratos Rodel. Dentro de três minutos depois de o ter experimentado, tinha desaparecido completamente todo o ardor e inchação; os calos amoleceram a tal ponto que os consegui extrair inteiros e com as raizes sem qualquer dificuldade. Agora já posso usar calçado apertado e andar todo o dia com o máximo bem-estar. Os Saltratos Rodel são vendidos, com garantia, nas Farmácias e Drogarias, a preço reduzido.

Atum em Azeite?!

PURO DE OLIVEIRA

Só TENORIO...

Recomendavel tambem aos debilitados

Bôlbo Capilar

Restitui cabelos aos calvos, suspende a queda do cabelo, cura radical da caspa. E' ao mesmo tempo um requintado produto de toucador perfume inebriante e persistente, da brilho e lixa, dispensa brilhantinas, aos que pintam o cabelo. Anula o efeito nocivo do nitrato de prata, aplicado após a pintura, tornando o cabelo sedoso e brilhante. Frasco embalagem de luxo c|250 gr. para mais dum mês, 17$50.

A' venda na Sociedade Industrial Farmaceutica. Rossio, 31 e 33 nas boas farmacias e em todas as drogarias da Baixa.

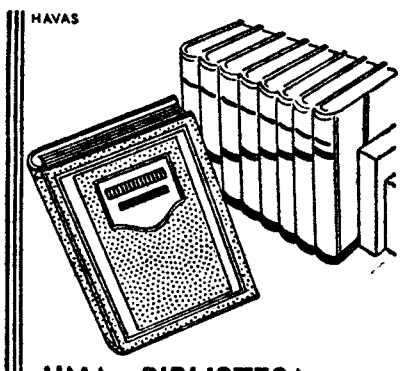
Telef. 46526 **NOVA CUTIS**

O creme de dia, e o de noite empregado simultaneamente, constitui o melhor tratamento contra as rugas.

V. Ex.ª está comprador de artigos para cães? Faça uma visita a melhor correaria de Lisboa, onde encontrara o mais variado sortido de coleiras, peitorais, trelas e açamos especiais para Bull-dogg, Galgos e Pekinois.

Vitorino de Sousa, Ld.ª - Rua dos Correeiros, 202.

HAVAS



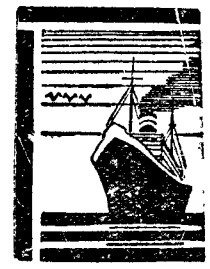
UMA BIBLIOTECA BEM CUIDADA

Para a encadernação de livros, o «Fabrikoid» Du Pont é, sob todos os aspectos, muito superior a qualquer outro material incluindo a carneira e o marroquim. Não absorve a humidade, a gordura ou o pó e impede a criação de insectos e parasitas.

DU PONT FABRIKOID

REG. U.S. PAT. OFF.

BETHENCOURT BROS, LTD.
Rua Aurea, 132-138 — LISBOA
SORIA, LTD.
Rua Sá da Bandeira, 214-216 — PORTO



COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

Saidas do mês de Junho:

CARREIRA RAPIDA DA COSTA OCIDENTAL E ORIENTAL

VAPOR

Ganda

Dia 10, pelas 12 horas, recebendo carga para

Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Benguela, Mossamedes e demais portos da Costa Ocidental, com baldeação.

PAQUETE

Colonial

Dia 17, recebendo carga para

Lourenço Marques, Beira e **Moçambique** e demais portos da Costa Oriental, com baldeação.

A carga para estes dois vapores é recebida até ás 20 horas do dia 6 e desta data até ás 20 horas do dia 9, com o aumento de 20 0|0 devendo, neste ultimo caso, as ordens de embarque ser visadas pelo Conselho de Tarifas.

CARREIRA RAPIDA DA COSTA OCIDENTAL

VAPOR

CASSEQUEL

Dia 17, pelas 16 horas recebendo carga para os portos de

S. Vicente, Praia, Principe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Benguela e **Mossamedes,** e demais portos da Costa Ocidental, com baldeação.

A carga é recebida até ás 20 horas do dia 14 e desta data até ás 20 horas do dia 16, com o aumento de 20 0|0, devendo as ordens de embarque, neste ultimo caso, ser visadas pelo Conselho de Tarifas.

CARREIRA DE CABO VERDE E GUINÉ

PAQUETE

GUINE'

Dia 20, pelas 12 horas, recebendo carga e passageiros para os portos de

Funchal, S. Vicente, Praia, Dakar, Bissau e Bolama

A carga é recebida até ás 20 horas dia 16 e desta data até ás 20 horas do dia 19, com o aumento de 20 0|0 devendo as ordens de embarque, neste ultimo caso, ser visadas pelo Conselho de Tarifas.

Para tratar

LISBOA — Rua do Instituto Vergilio Machado, 14

Telefone 2 0052

PORTO — Rua do Infante D. Henrique, n.º 9

Telefone 2342

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

MAURICIO DE OLIVEIRA

escritor de marinha, que publicou agora uma brilhante narrativa, com o título *Allô!... Allô!... Patrão Lopes!*

Tema para a nossa geração

por José Osorio de Oliveira

O livro do escritor brasileiro Vianna Moog sôbre *Eça de Queiroz e o seculo XIX*, que é a melhor prova da universalidade do nosso grande romancista, fez-nos recordar esta frase que sempre nos impressionou: «Sinto que possuo o processo como ninguem, mas faltam-me teses.» Não é possivel encontrar, numa só frase, uma tão categorica afirmação do proprio valor e uma tão clara confissão dos proprios limites. Na verdade, descontando o que ha de exagerado nas palavras «como ninguem», o caso literario de Eça de Queiroz está, nessa frase, por ele proprio perfeitamente definido. Possuía ele, com efeito, o processo de escrever romances, mas faltavam-lhe teses porque não era um pensador. Será preciso dizer que por pensador não entendemos só o filosofo, mas o ficcionista com ideias, como Stendhal, Balzac ou Flaubert?

Não queremos agora analisar o facto de haver tantos escritores portugueses sem ideias, de serem tão raros aqueles que á posse do processo juntam um pensamento (e repare-se que falamos de verdadeiros escritores, de grandes artistas da prosa, merecidamente notaveis). Note-se que não somos daqueles que apontam o numero insignificante de grandes obras portuguesas de verdadeira criação literaria (apenas Camões e Gil Vicente eles indicam, no periodo classico), sem reparar que a acção lusitana no Mundo foi tão grande, no seculo XVI, que excedeu toda a imaginação (só Camões poderia torná-la maior, sobrepondo-se-lhe pelo genio) e que daí resulta o facto de outras grandes obras da nossa literatura serem apenas a reprodução ou o simples testemunho da realidade, como a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, e a *Historia Tragico-Maritima* (o que, aliás, se deu com os prosadores latinos em face da acção romana). Não ha duvida, porém, que a nossa literatura revela a fraca dispo-

Vêr continuação na 4.ª pagina)

CAIXA DO CORREIO

2.ª CARTA AMIGA A RAMADA CURTO

Remete: ALFREDO PIMENTA

Meu prezado amigo:—Como é agradavel conversar consigo, Ramada Curto, entre o bulicio tôrvo e o rosnar odiento de certos mastins!

Li a sua carta, sorrindo, ás vezes, reflectindo outras, e sempre contente de me ter lembrado de lhe ter escrito. E havia eu de deixar sem comentario as suas observações?

Não. Que o dr. Joaquim Manso desculpe—mas eu preciso de ocupar algum espaço ao *Diario de Lisboa*, para anotar a sua carta de resposta, Ramada Curto.

E começo por dizer imediatamente, sem circunloquios, sem reservas, disfarces ou lisonjas, que admito o seu espirito, no que ele tem de brilhante, de aliciante ou sugestivo—porque conheço quasi toda a sua obra. E se destaco para a minha admiração e para a minha ternura, as paginas do *Diario do José Maria*—perdôe, mas é uma questão de feitio, de temperamento, de disposição psicologica. Quere acreditar que o ultimo excerto publicado me comoveu tanto que me ennevoou os olhos?

Nos capitulos dum livro, ha melancolia, contrição, bondade, ansiedade suave de infinito e paz, e um humor tão leve que mais parece caricia do que sombra de ironia.

E', para mim, a sua melhor obra, até hoje. E ela basta como justificativo da minha admiração—porque eu, como você, não avalio os homens pela côr que os tinge, mas pela soma de espirito que contêm, ou pelo caudal de saber que revelam, ou pela bondade que os caracteriza.

...Mas vamos á sua carta, que são horas.

I—Fala-me você no nosso sinal algebrico comum, naqueles tempos distantes das rapaziadas sinceras e audazes, filhas da candura e da limpidez da alma, para me dizer que mudei radicalmente de sinal e passei para os antipodas.

Ramada Curto! Você é um homem serio e inteligente. Olhe para mim. Está convencido na verdade de que mudei radicalmente de sinal, e passei para os antipodas? E não posso exigir-lhe que conheça integralmente a minha obra—que é tão vasta já, ai de mim!, que levará anos a ser percorrida. E' a obra de quem se procura; é a obra de quem se corrige; é a obra de quem avança e recua, conquista e cede, galga e tropeça, levado permanentemente pela miragem que o atrai: saber para servir; é a obra do homem que se reconhece falivel, e pensa alto num meio de infaliveis. Ha, nela, pormenores contraditorios? Ha, nela, aparencias antagonicas? Sem duvida. Mas ha nela, tambem, sem duvida, um fundo de continuidade.

Quere ouvir uma historia?

Nas vesperas do «4 de maio», no hotel Aliança, ali ao Chiado, num gabinete pequeno, dois homens. Um era ministro da Justiça; o outro, um homem obscuro. Como as Camaras Municipais estivessem em revolta contra o governo, o homem obscuro dizia ao ministro da Justiça que levasse o governo a dissolvê-las em 24 horas, ponde termo ao escandalo. Acima de tudo a Nação—concluia o homem obscuro.

O ministro da Justiça, sentado, cofiando o bigode farto, bamboleando a perna cruzada, e fitando, através dos oculos, os olhos azues, no homem obscuro. disse-lhe isto:

«E' preciso despertar os sentimentos republicanos do país. Mas não me surpreende o que me aconselha...

Uma noite, ha alguns anos, ia eu a entrar a porta de minha casa, quando notei que duas vozes altercavam ao longe. Uma das vozes reconheci-a: era a sua, meu amigo. Não meti a chave no trinco, e fiquei a ouvir... Discutia-se a organização da familia. Ouvi, ouvi, e ouvi principalmente o que o meu amigo dizia.

Por fim, depois de o ter ouvido, abri a porta de casa, comentando: ora aqui está um anarquista que, no fundo, é um reaccionario e autoritario...

Não me surpreende, pois, o que me aconselha!»

O ministro da Justiça chamava-se o prof. Guilherme Moreira; o homem obscuro era eu.

E' certo que quando cheguei a Coimbra, com 16 anos, Ramada Curto, escrevi, a tinta vermelha, na parede branca do meu quarto da rua de S. João—*La propriété c'est le vol!*, e outras lerias deste calibre que deixavam tonta a minha engomadeira, uma silfide transparente que queria por força que eu lhe explicasse, e irritava os veteranos trocistas que avançavam pelo quarto do caloiro...

Mas eu tinha dezasseis anos.

Deixe-me dizer-lhe, a si, que me entende e me respeita, isto, assim, francamente: não nasci para ser dirigido ou julgado nas minhas atitudes; de modo que estas são absolutamente independentes da repercussão que possam ter no publico. Tenho um soberano desprezo pela reacção das massas que existem para obedecer e não para mandar. Fui sempre assim, Ramada Curto, desde que me conheço. Chego a crêr que o meu estinerismo é anterior ao meu contacto com o filosofo Jeremias.

Não ha nada de comum entre o anarquismo individualista, aristocratico e autoritario, a Republica ditatorial e autoritaria, e a Monarquia anti-parlamentar, anti-democratica e autoritaria? Não ha nada de comum entre Stiraco, Augusto Comte e o meu monarquismo?

Não, meu caro amigo, não. Se não encararmos as cousas como o homem da rua, á superficie, de passagem, distraidamente, havemos de convir todos em que não mudei radicalmente de sinal, nem passei para os antipodas.

II—Renego a greve, porque foi um tumulto suspeito nas suas origens ocultas, em que se abusou da nossa ingenuidade de moços, da nossa credulidade de rapazes. O doutoramento foi um pretexto. Desencadeado o tumulto, nunca mais se pensou no doutoramento. Se houve injustiça no julgamento deste, devia ter-se procedido, logicamente, á revisão do processo, e á repetição do acto. E que competencia tinhamos nós para averiguar da competencia do candidato e da incompetencia dos Mestres? E que competencia tinhamos nós para julgar o ensino universitario? Não tinha sido com ele, á sombra dele, dentro dele, que se tinham formado tantos e tantos espiritos que honraram a nação em todos os campos?

Não, meu amigo. Desse movimento salvam-se apenas duas coisas: a nossa sinceridade ludibriada; o nosso sacrificio mal empregado.

III—*Aquilo de 1910*, meu querido Ramada, foi uma mistificação inutil. Na noite da confirmação da vitoria, dizia eu, da janela da minha casa, em Matozinhos, á população que clamava *vivas:* «até aqui, tudo foi facil; agora é que são elas!». E foram. E foram frescas...

Olhe outra vez para mim, Ramada Curto: para que diabo se fez aquilo de 1910? Ah! sim, reconheço-lhe uma vantagem: a de nos fazer ter saudades do ante 1910, que eu não desejo, no entanto, que se re-

(Vêr continuação na 3.ª pagina)

O tumulo de Katherine Mansfield, no cemiterio de Avon, França

ESTE SUPLEMENTO NAO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

Livros da semana

Horizontes de cinema

de Roberto Nobre

ROBERTO NOBRE

Pode dizer-se que a literatura cinematografica, em Portugal, nasceu agora. O seu baptismo é este belo livro de Roberto Nobre, intitulado com simplicidade, mas tambem com latitude: *Horisontes de Cinema.*

Roberto Nobre tem as suas responsabilidades, mas mantêm-as, como sempre, com uma notavel probidade.

Para ele a setima arte não é, apenas, a imagem comercial que passa, no écran, mas uma ubstancia luminosa de beleza, ainda imperfeitamente moldada, onde o seu espirito talha modêlos admiraveis de possibilidade e de expressão.

Dentro dos liniamentos dum estudo admiravel, profundo e substancial, que conduz os realizadores por ignorados caminhos da sua arte, ele projecta-a no futuro coordenando as expressões já encontradas, e significando tambem o que ha de intelectual: relações, afinidades, estilos, interpretações, entre a literatura que é palavra, e a literatura que é imagem.

Horisontes de Cinema dá-nos a solução dum problema que alguns já rastrearam, mas não entenderam: a estetica do cinema. Gardon Craig, no teatro; Taine, na arte; Valery na poesia; Faguet na literatura, traçaram as directrizes, mesmo com antecipação, dessas vastas e complexas materias do espirito humano. O drama, porém, nada tinha que o documentasse, com a categoria de ensaio filosofico. Eis a obra de Roberto Nobre, profunda, reflectida, apaixonada, em que os *Horisontes do Cinema* nos aparecem, singularmente dilatados.

Quadras impopulares

Tu tens um rosto bonito.
E o teu corpo é atraente.
Mas—vive a Hora Presente!
Não penses no infinito...

Essa pregunta:—«E depois?..»—
que vocês fazem, ao dar-se,
—não venha, entre nós os dois...!
A resposta era disfarce...
Responderia:—«Casamos».—
(Ou qualquer boa promessa).

.....

—Só na mentira pecamos.—
O mais certo é que eu te esqueça...
Que tu me esqueças a mim,
que eu arranje outra; tu—outro.
Ser fiel tem sempre fim:
na gente, no cão, no pôtro...

Não me distingues, mulher,
sendo meu o teu desejo.
Sou a sombra de qualquer
que tivesse o mesmo ensejo.
Já sei: houve outro (mais rico!)
—e não chegaete a ceder...
—Foi obra do Mafarrico
que te aconselhou, mulher.—
Foge-me, se t'o consente
a franqueza que te dou.

.....

Passada a Hora Presente,
o Infinito—passou!...

RODRIGO DE MELLO

A obra de Joaquim Manso

Uma brilhante cronica de Joaquim Leitão

Joaquim Leitão, prosador sintilante, que nos tem dado, no «Jornal de Noticias», do Porto, uma série de folhetins, que são a ressurreição desse genero de tão belas tradições literarias entre nós, dedicou ultimamente um deles aos ultimos livros do dr. Joaquim Manso.

O escritor dos «Corpo e Almas», com o seu admiravel sentido critico e com aquela prosa ardente, que parece uma chama, traçou, modelarmente, o roteiro filosofico do autor da «Primavera da Lenda», numa interpretação, que é o retrato duma alma e duma figura.

Transcrevemos alguns trechos da brilhante apreciação, com sincera pena de não a poder reproduzir na integra.

Numa manhã, uma daquelas deliciosas manhãs de inverno, frias mas lucidas, que fazem amar Paris, passei por casa de Ernest Charles, critico literario da *Revue des Revues* e do *Excelsior*. Acabava de lêr o tremendo ataque ao ultimo livro de Mirbeau. E preguntei a E. Charles:

—O Mirbeau ainda não lhe mandou as testemunhas?

Sorriu, ufano da audacia com que espadeirara o mestre, e simultaneamente, eu empalideci; é que atravessamos a livraria do critico, mais densa, mais murada de brochuras do que a dos livreiros dos *boulevards*. Não era o «arsenal» do homem de letras; eram os «processos» que aquele juiz de tribunal da critica manuseara, lêra, estudara. E saí horrorisado daquele oficio de julgar que obriga a lêr, dentro de prazos, quer a obra apeteça quer não, a lêr incessantemente, sofregamente, não para documentação, nem para recreio mental,—por obrigação. Encontrava muitas vezes Ernest Charles, á noite. Moravamos ambos em Passy. Quando eu saía a caminho do centro de Paris, E. Charles cruzava-se comigo a caminho de casa. A's dez e meia da noite pontualmente recolhia. E isso quando jantava fora, porque habitualmente só saía depois da tarefa da manhã e do almoço, a levar o seu original á revista ou ao quotidiano, a visitar qualquer exposição de arte ou a ouvir alguma conferencia literaria.

Como ele zombaria da minha incapacidade critica, se me visse hoje a ocupar-me de dois livros portugueses que têm na dedicatoria a data de 17-XI-1938! Compreenderia porém desde logo este incrivel atraso desde que se lembrasse que não exerço profissão de critico literario e só me ocupo das obras que me despertam emoções estranhas aos objectivos da critica.

Todo o tempo me é pouco para escrever os meus livros e não me sobra para me ocupar da produção alheia. Deus faz tudo melhor e não me concedendo a mim mais horas no dia do que as 24 dadas a todo o habitante da Terra permite que me coloque desde logo fora de toda a aparencia de juiz das belas letras. Quando me refiro a livros faço-o apenas como camarada de letras que saboreou belas paginas. Não tem mal e até é bom que o faça tarde porque assim não perturbo a serenidade do augusto tribunal e as minhas referencias já não podem tambem ser tomadas como propositos de colaborar na repercussão das obras de que me ocupe.

E' o caso destes dois livros de Joaquim Manso: *Primavera da Lenda* e *A Consciencia Nua*, duas obras notaveis que deveriam segredar aos criticos literarios esta verdade: é tempo de estudar este escritor e de traçar a linha evolutiva do seu espirito. Não se trata de um escritor de trivialidades, que demande acolhimentos estrondosos; está-se, sim, na presença de uma alma em marcha. Desde as suas fulgurantes cronicas da *Capital*, ás reflexões do *Diario de Lisboa* e ás conferencias publicas, tudo neste homem de letras é pensamento, nobreza mental, ansiedade, inquietação. Lê-lo dá-me a impressão de um homem que, encontrando-se em plena cosmópole, rodeado das banalidades da vida comum, bloqueado pelo rumor da urbe e da ambição, caminha, enlevado no grave e grato dever de pensar. Se se debruça sobre o momento seu contemporaneo, ergue logo os olhos e a mente para os cumes da historia e da filosofia. O *Livro de Moralidades*, o *Efemero e o Eterno*, o proprio nocturno *Manuel*, ás *Pedras para a construção dum mundo*, *A Consciencia e Abandonada*, a *Primavera da Lenda* constituem uma cadeia de dôres e de ideias, a peregrinação de um espirito pelo calvario da vida terrena. Não esperou que a idade provecta o convidasse a descansar, para contemplar o horizonte espiritual, nem carecia de ter sido tão torturado pela dôr para olhar a vida como problema serio. A expressão formal tem nele a sobriedade academica das roupagens gregas. O seu estilo não podia ser senão aquela simplicidade repassada de vigorosa dignidade. Os seus têmas nunca poderiam assentar nos brilhantes conflitso do naturalismo. A sua forma literaria atinge a arquitectura augusta de abobodas monacais por onde passeia um espirito a tractos com a inquietação. Não conheço nos escritores de hoje quem assim patenteie tal inquietude. Mesmo que se queira tomar como ironia os seus comentos, e reduzir as suas parabolas a propositos de tecnica, a sua obra, quanto a mim, é a escadaria de marmore que leva ao santuario. Pode haver na borda dos lances arvoredo frondoso, dialogos canoros excitados pela luz, opulencisa de côr, espreguiçamentos de perspectiva. Mas a obra de arte levantada no marmore marca, dirige uma ascensão, no termo da qual está a verdade divina.

Até agora, o espirito de Joaquim Manso dialoga com os homens, com as coisas, com o imenso mundo dos três reinos, e na atribulação dos seres e do elementos, ele debate e informa a propria inquietação. As incoerencias espirituais dos outros homens são um espelho a que ele pregunta se as haverá tambem na sua mente. Cada livro é um patamar da nobre escadaria do santuario. No ultimo, encontra-lo-emos já não a dialogar mas a prelibar daquele sereno monologo que se assemelha á oração.

A obra toda ha de então,, aos olhos de quem a leu, volume a volume, tornar-se evidente peregrinagem de um espirito, pelos torturantes labirintos da unidade.

Ha de ser relído, e amada a sua inquietação mental como a sombra da nossa inquietação.

Então, quando alguem quiser definir o escritor, não será já sob o restrito angulo da critica literaria; e quando quiser escolher, dar primasia a qualquer das suas obras terá de as evocar no seu conjunto.

Apenas, a experimentar se poderia dizer em qual destas obras mais recentes *A Consciencia Nua* e a *Primavera da Lenda*—, eu encontrava mais beleza, repassei-as agora, a recordar, e a tentar comparar. Esse trabalho lembrou-me um desafio que ha seis seculos se travou entre dois artistas. Raio e Kindo, de um mosteiro da Corêa. O frade Raio propôs a Kindo esculpir em pedra três grandes figuras de Budha ou sessenta pequenas. Kindo escolheu as sessenta; mas a sua obra foi considerada inferior á de F. Raio. A fantasia popular reconhece numa grande rocha que ha na Montanha dos Diamantes, chamada a «Rocha dos Cadaveres» o corpo petrificado de Kindo que, fiel ao apostado, se suicidara perante a perfeição da obra do irmão Raio.

Impsosivel tal tragedia se as provas fossem esses dois livros de Joaquim Manso—*A Consciencia Nua* e a *Primavera da Lenda*. Impossivel preferencias. Ambos têm a beleza escultorica da mesma alma cinzelada pela inquietação, demonio branco que só aparece aos eleitos, cuja dôr se assemelha ao grito e ás dilacerações do marmore que, na hora de ser arrancado, começa o seu destino de perfeição.

JOAQUIM LEITÃO

SOMBRAS

num muro iluminado

(A Raquel Bastos)

Tinha conversado na vespera com a doce companheira do seu espirito, com a grande sóror compreensiva da sua sensibilidade, e ela contara-lhe este episodio bem lindo, duma humildade impressionante e depurada: entrara de manhã na saleta de piano, para fazer as suas limpezas de ménagère. *Entrou, e ali com o piano a oferecer-se á sua paixão, sempre em florescencia, pela Musica, disse para si: — E' só um bocadinho!*

Empostou a vassoura á porta, e os dedos, encantados, começaram a dobar o fio do Ariane dos Sonhos...

Quimeras e relembranças de dias bons; coisas dum mundo, onde não acontecem os envilecimentos do quotidiano, misturavam-se com o murmurinho confidente das notas...

Mas uma coisa estragava a plenitude do encantamento melodico: o seu remorso por saber que a vassoura estava ali, atrás, desaproveitada e inutil, sofrendo positivamente, com uma pobre atitude humana de abandono.

No entanto far-lhe-ia tão bem poder prolongar por mais uns instantes a evasão magnifica!

... até que venceram as solicitações do dever domestico, sucedendo-se então um verdadeiro frenesi de limpeza, como recompensa natural da espera desolada e constrangida...

* * *

Dessas conversas, em que o espirito por assim dizer ronronava, empapado dum fisico bem-estar, por via das mil afinidades de gôsto e predilecção estetica, que juntavam no mesmo plexo camaroda os psiquismos antipodais de ambos, — dessas conversas era positivo que saía sempre melhorado, *com a sua aspera insociabilidade aquietada em bonomias cumplices de conformista...*

E não seria, talvez, por essa razão que ele, no dia seguinte, contemplava, com uma «nuance» especial de ternura, a paisagem costumada, que era, diante da sua janela, como que um absurdo ciclomen gigantico, a refranger-se, a desfolhar-se em matizes fascinantes, do caprichoso mais desvairadamente fantasista?!

A paisagem de diante da sua janela: casario e imensidade; grandes manchas estiraçadas de terra morena, a par de difusos hiatus *de vegetação; antenas prendendo o mundo á inquietação e á interrogação do Mundo; uma turgascencia enfatica de zimborio, e espelhamentos de agua em letargica absorção ante o burel dos montes aprumando similes truncados de anfiteatros; poentes á Turner, a roçagarem velhos oiros de dalmaticas, carmesins faustosos de arcebispos, e o novelo da lua, todo feito de fiapos nostalgicos de brancura!...*

Um desejo excruciante de interiores ricos, uma saudade acabrunhadora de tapeçarias oiro-e-negro revestindo estranhamente camaras estranhas de Lady Ligeia, *a ansia de viver ao ritmo sumptuoso dos grandes triunfadores,—laceravam-no até ás mais absurdas profundidades do abespinhamento,, desde que verificava a insulsez do ambiente em que vivia, com moveis enfaticos, farsistas, apupadores das emoliencias confidentes do confôrto; quebra-luzes que já alumiaram não se sabe que vigilias pandilhas; almofadas poisando no chão, não por um motivo airoso de logica decorativa, mas pelo prurido catita de preencher vazios de soalho.*

Os livros eram o seu unico luxo, a sua unica marca de raça...

Chamava-lhes os trampolins magnificos dos seus sonhos, sonhos que ele vivia, enconchado no seu cadeirão de vêrga, anódino e quasi grotesco no seu anódino pijama de popelina, com o mesmo classicismo de imaginação delirante, *com a mesma força de acontecivel no absurdo, que caracterizam os sonhos de João Paulo, um dos deuses das suas preferencias...*

* * *

Ah! De facto, a grande fatalidade esplendida da Arte é não poder jámais subordinar-se á vida, á vida aviltante, tão desniveladora no seu embusteiro áquem de tudo!

Eis porque a simples circunstancia de existir lhe equivalia, quantas vezes, a um martirio.

Nesses momentos é que ele constatava que era, talvez, a criatura mais só de quantas povôam o universo, só, pela impossibilidade de se dizer, a outrem, só, pela interdição maldita de se revelar em todo o absoluto estranho, plurinevrotico do seu «eu».

Alguem que o quisesse definir teria de socorrer-se do contraditorio, como duma bitola do lógico; misturar num cadinho de espantos, particulas da inconsequencia de Hoffmann com migalhos do orgulho exasperado de Edgar Poe; fundalhas de seminarista timido com três-fonds *abstrusos de aldeão idilico.*

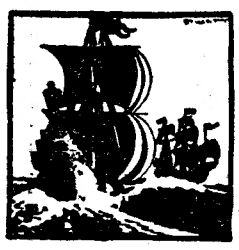
CARLOS PARREIRA

Do livro «MALICIA SEM MALDADE»

Ha pobres tão modestos e humildes que se enfeitam com a sua propria pobreza.

JOAQUIM MANSO

Ecos



E' um caso que muito interessa a expansão da nossa vida cultural a atitude de verdadeira simpatia que o Brasil ultimamente tem manifestado pela emigração portuguesa. E mais do que simpatia, pois, como se sabe, o governo brasileiro resolveu «considerar so portugueses isentos de qualquer restrição numerica referente á entrada no territorio nacional». Onde vai o homem, vai o espirito, vai a literatura. E não devemos esquecê-lo.

Entre os muitos, muitissimos jornalistas e escritores brasileiros que mais apoiaram e aplaudiram essa prova de bom entendimento luso-brasileiro, queremos hoje citar o dr. Mario Melo, sabio historiador e arqueologo, que recentemente publicou num lindo volume as suas impressões sobre Portugal, todas elas de puro entusiasmo e de inteligente compreensão das nossas cousas, da nossa indole, e do esforço civilizador do nosso passado e do nosso presente.

Do artigo que dedicou ao assunto destacamos estas linhas, bem dignas de serem lidas e apreciadas por quantos desejam que Portugal não perca a amizade e o carinho do Brasil:

«Dado o balanço geral, tiradas todas as provas, postos em equação os prós e os contras, verificamos que a immigração que nos convém, sem restrições, é a portuguesa. Quando nenhum outro factor militasse para essa preferencia, bastaria o da lingua.

Povoando o Brasil de portugueses, como ao tempo de nossos primeiros seculos, poderemos dormir tranquilos, sem receio, por sua parte, de pesadelos imperialistas, e eles nos ajudaram a fazer a independencia, estarão connosco em qualquer momento de perigo, mesmo porque somos depositarios e herdeiros do seu patrimonio historico, e mantenedores e propagadores da sua lingua».

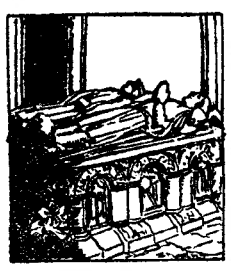
■

Num hospital de Birmingham estase aplicando para o tratamento de certas doenças, o emprego duma bicicleta, de construção especial, a que se chama medicíclo. O fim do tratamento é fortificar os musculos das pernas, depois duma fractura.

Descobriu-se que o uso do medicíclo é admiravel para as pessoas que sofrem de doenças nervosas.

A maquina deve ser considerada um monociclo. A roda da frente foi substituida por uma especie de mesa. A de traz tem um pneu cuja camara de ar é cheia com chumbo. No guador ha um contador, servindo o freio para regular a subida duma rampa simulada. O medico tanto pode indicar aos doentes exercicios em terreno plano, como em subida, a um ritmo antecipadamente fixado segundo o caso de cada um.

■



Acêrca da figura da rainha D. Maria Pia, acaba de publicar o ilustre escritor conde de Aurora uma brochura, muito bem apresentada. Trata-se da conferencia que o autor do «Roteiro da Ribeira Lima» fez ha semanas no Porto e é um perfil historico de grande merito. O conde de Aurora, escritor de alto merecimento, Premio do romance do S. P. N., em 1935, soube neste seu novo livro reanimar, dar vida a uma grande figura quasi nossa contemporanea mas tantas vezes mal compreendida e interpretada. Este livro «Rainha D. Maria Pia» fica na galeria das obras do escritor como um dos seus melhores trabalhos.

GUEDES DE AMORIM

ROMANCISTAS MODERNOS

«A ALDEIA DAS AGUIAS»

de Guedes de Amorim

Guedes de Amorim deu-nos agora a sua primeira obra de vulto. «Aldeia das Aguias» não é uma novela banal, feita com mais ou menos engenho e brilhantismo, é um grande romance, pleno de humanidade, que merece ser destacado, entre o comum da critica literaria.

Dum golpe, o escritor ocupa um lugar entre os melhores romancistas portugueses. Pela primeira vez, surge, em traços decisivos de beleza dolorosa, o drama da mulher que trabalha a terra.

Pertencem-lhe, porventura, as melhores paginas da *Aldeia das Aguias*. Mas o que dizer do seu impressionante conflito, em que a rudeza das gentes se choca, por vezes, com o que ha nela de idealismo simples e de candidez de alma? Como exprimir o pitoresco da vida rural que Guedes de Amorim nos conta, confundido com os camponeses, partilhando das suas dôres e alegrias, através dum realismo que nada tem de literario, porque é verdade extreme, passada através duma pena que sabe empolgar o assunto, dandonos, no mais profundo, o drama apaixonado da terra, a sua carne e o seu sangue, sôbre a qual a sombra humana se projecta, numa sêde torturada de trabalho e de esforço? «Aldeia das Aguias» é uma obra implacavel de realismo.

Guedes de Amorim adquiriu com ela o direito de ser considerado um dos melhores romancistas da sua geração.

Henrique embrenhou-se na feira, apreçando ferramentas para a lavoura de sua casa. Meia hora volvida, encontrou-se com Maria da Mata, no estendal dos oleiros de Visalhães, homens e mulheres encarvoados até aos olhos, que vendiam vasilhas de barro negro, ricas de óxido de ferro e elegantes no seu primitivo desenho.

— O' rapariga, vieste bem depressa! — disse Henrique, ao mesmo tempo que se lembrava do ar de nova tristeza que descobrira na cara de Carminda.

Maria da Mata, voltando-se, mostrou no rosto, que fôra lindo, bastas rugas que lhe apareceram com o primeiro filho, o que a tornava velha sem ter ainda abandonado os anos da mocidade:

— O calor já vinha apertando, senhor Henriquinho.

— A tua companheira?...

— A Carminda?

— Sim.

— Já chegou tambem, foi lá para os sitios dos porcos, a ver se consegue vender o dela.

Então, Henrique procurou informar-se:

— Sucedeu algum aborrecimento á Carminda?

— Não sei...

— Mas ela não te parece mais abatida?

— Sim, anda assim a modos desiludida desde que o pai quebrou a perna...

Henrique ficou surpreendido, e quis saber:

— O João Cosme está doente? Não sabia. Nada ouvi dizer...

— Está até de cama, o pobre. O senhor Henriquinho não sabia? Foi lá abaixo, em Sete-Fontes, no muro que ele andava a levantar á beira do caminho. Uma parte da parede esbarrondou-se, aparnhando a perna do infeliz, que só por milagre não ficou toda esmagadinha.

— Mas não a tem tratado?

— Já lá foi a Casimira Sapa, a que teve duas crianças dum ventre, e sabe compôr os corpos quebrados...

— Deu resultado?

— Está na mesma, ou pior!...

Henrique ficou-se a olhar Maria da Mata, intimamente preocupado, e inquiriu:

— Então, a Carminda?...

— Coitada... tem gasto saude e dinheiro, mais do que podia. Calcule o senhor Henriquinho, ha já três semanas com o pai na cama, sem ganhar coisa nenhuma! A infeliz veio hoje até vender o reco, a ver se arranjava o bagunço para os curativos e para comer. Uma desgraça, uma grande desgraça!

Henrique deixou Maria da Mata e continuou, correndo a feira, a mercadejar o mais que necessitava. Porém, da cabeça já lhe não saiu o infortunio da rapariga, por quem sentia crescer dobrada simpatia. Atraíram-no os vendedores, alardeando barateza e perfeição dos seus artigos, mas ele passava adiante, sem dar atenção áqueles de quem não precisava aproximar-se. A feira, sob a umbela do sol, mostrava-se exuberante de côres e de ruidos, confundindo-se os pregões com a grulhada dos animais. Os ferreiros ofereciam enxadas e sacholas, queimadas na bôca rubra da forja, cujo destino estava escrito, de ferir e despertar a terra para a obra maravilhosa da multiplicação das sementeiras; em mantas velhas, estendidas a seus pés, os cutileiros mostravam os seus instrumentos, brancos e chispantes ao sol; montras de ourivesaria, instaladas em tábuas aveludadas de negro, atraiam a cobiça das cachopas; debaixo das carvalheiras, vendia-se a primeira fruta do ano, a que aparece sempre ligada á data do jubileu de alguns santos, cerejas grandes, cuja carne carminava os lábios das moças, e ameixas cheias de sol, doces como mel; viam-se montes de cobertores, de mantas de farrapos e de croças, especie de gabinardos feitos de palha, com que o serrano atravessava os dias de chuva, em jornada ou na penitencia dos campos; as aves, atadas pelas pernas, entreabriam o bico, arfando dificilmente, castigadas pelo calor que entrava de apertar; e, acima de tudo, uma multidão ruidosa e gesticulante, composta de velhos, mirrados pela fome, lembrando figuras de antigos paineis; e rapazes desempenados e pimpões; mulheres varias, solteiras e indumentadas de amarelo e vermelho; e casadas e viuvas, muitas, muitas viuvas, fechadas em negrura, vestindo luto pela mocidade que lhes fugira.

Obedecendo a uma grande fôrça de dignidade, que dentro dele crescera ao maximo desde que estivera falando com Maria da Mata, preguntou á rapariga:

— O teu pai, como se encontra?

Ela retirou os olhos do chão, todo umido com as excrecencias dos animais, levantando-os mui surpreendida para Henrique, que estava na sua frente, a mirá-la com espanto e pesar.

— Não cuves? — teimou Henrique.

— Está na mesma. Obrigada... — murmurou Carminda, enrubescida, e numa voz que a vergonha apagou quasi de todo.

Cumprindo a espontanea missão que ali o trouxera, Henrique tirou do bôlso duas cedulas de cem escudos, oferecendo-as á rapariga:

— Olha, toma lá. Não vendas o porco. Toma lá...

A REPLICA DE ALFREDO PIMENTA

(Continuação da 1.ª pagina)

pita, porque se se repetisse, estavamos caídos em novo 1910. Não. Um chegou para nos ensinar...

IV—E estamos no amago da sua carta: a erudição e a literatura.

E' certo que como v. conta, me afastei da literatura, por não ter tempo para a ler e paciencia para lhe aturar as monstruosidades, e pus de lado os filosofos, por inuteis ou infantis.

Mas não fiz isso sistematicamente e absolutamente. A's vezes petisco um bocadinho de Poesia, uns restinhos de Romance, ou um arzinho de Filosofia.

Ha poetas que me mandam os seus versos—e eu tenho que os ler, que mais não seja por um dever de cortezia; outro dia, um amigo, o tenente C. N., obrigou-me a ler a *Ana Paula*, do sr. Joaquim Paço de Arcos; e em momentos de cansaço, depois de gastar dias a consumir-me nestas frivolidades de averiguar a quem pertenceu determinada bula, ou descobrir certa data —passeio o meu espirito entre os filosofos que vão surgindo para lhes admirar o ousio.

E uma vez por outra, aí uma vez no ano, vou ao teatro, quando a familia aperta comigo.

Mas se lhe disseram que eu considero fora da literatura, o teatro, enganaram-se, e caluniaram-me. Tal afirmação seria uma estupidez. E, graças a Deus, Ramada Curto, estupido não sou.

Distingo o Teatro da Arte de Representar; nego á chamada Arte de Representar o caracter de Arte—dentro do criterio de Arte. Mas negar ao Teatro o caracter de literatura, nunca o fiz. Gosto de ler Teatro, quando posso; mas detesto ver teatro. Quando leio o Teatro, faço eu as personagens; faço eu a decoração; faço eu o meio ambiente. E tudo é adequado: as rainhas são rainhas autenticas; os safardanas são safardanas autenticos; os veludos, as sedas, as joias, os farrapos, as miserias—tudo é real.

Quando vejo o teatro tudo aquilo é falso—desde as declarações de amor ás lagrimas e aos risos, desde as telas dos antepassados á nobreza das damas ou á desgraça das galderias. Tudo aquilo é artificio e eu abomino o artificio.

Não tenho desdem por nenhuma criação humana, quando ela se traduz por obras de valor. Por isso o facto de eu actuar dentro das minhas forças ou possibilidades ou ilusões, em determinado sector, não me impede de considerar e admirar o esforço dos outros dentro de outros sectores.

Não, meu caro Ramada Curto, não foi por desdem pela literatura, que lhe preguntei pelos seus estudos ou investigações historicas. Preguntei-lhe sem a mais leve sombra de proposito de o melindrar. E ainda bem que o fiz, porque você, com a sua resposta, oferece-me o ensejo para melhor definir o meu pensamento.

Como advogado que é, você recorre a uma imagem para me explicar porque se mantem dentro do pensamento do sec. XIX. As imagens não provam, mas iluminam.

Diz você que procede como o Supremo, ao conceder ou negar Revista.

Ora, meu caro amigo, como sabe muito melhor do que eu, o Supremo não conhece materia de facto, só conhece materia de direito: observou-se ou não se observou a lei. Mas para o fazer, o Supremo teve que conhecer, préviamente, a lei. Aplicando a sua imagem: diante das alegações do M. P.—o Oliveira Martins, nos processos de D. Maria I, do Regente e de D. Carlota Joaquina, e das alegações da Revisão historica, o Ramada Curto só tem que averiguar se a lei foi observada. E a lei, em Historia, são as fontes. O M. P. utilizou as fontes? A Revisão historica cingiu-se ás fontes? Eis a questão. Evidentemente que é preciso, assim, conhecê-las. Nos casos *sub judice*, o M. P. não observou as fontes. E a Revisão historica é inalteravelmente fiel ás fontes.

A primeira instancia, para julgar, ouve testemunhas, ouve alegações e, ás vezes, até reconstitue, *in loco*, o crime, se se trata de materia criminal: tambem recorre ás fontes,—as da sua alçada.

Ha semelhanças de processo, em Historia. Entre as duas alegações—a do M. P. e a da Revisão historica, o critico tem de fazer trabalho pessoal: analisar as fontes citadas, na sua origem, e averiguar se ha outras. Só depois se decide.

O que você fez, em relação ao Senhor D. Carlos, fê-lo em relação a D. Maria I, ao Regente e a D. Carlota Joaquina?

E vê agora como não é bem que você ache que as nossas posições de rapazes devem ser as de hoje? Nós bebemos o leite de Oliveira Martins: era veneno. Bebemo-lo, quando não sabiamos discernir, por falta de cultura propria. A Revisão historica procura evitar á mocidade de hoje, o leite que nos envenenou.

Fala-me da Revolução Francesa... Que inveja me faz, Ramada Curto, o você poder dizer que Maurras é um supremo artista da prosa francesa—sem que lhe caiam em cima todos os arranha-ceus da imbecilidade indigena a chamar-lhe nomes feios, e sem que lhe saltem ás canelas todos os podengos de certa côr. E' verdade que você abre o guarda-chuva—e diz que ele é profundamente falso, sofista e antipatico. Ah! Ramada! Não sei o que seria de si a esta hora, se não tem aberto o guarda-chuva...

Adeus. Um apertado abraço do seu muito grato,

ALFREDO PIMENTA

OS LIVROS DA SEMANA

I — O gosto oscila, o pensamento não

Ha muito que penso chamar a atenção para um facto que não tem sido ponderado. E' certo, mais que certo: fatal, ver suceder-se a uma epoca literaria, com os seus canones, os seus ideais, os seus pontos *incontroversos*, outra epoca com novos canones, novos ideais, novos pontos *incontroversos*. A maior parte das vezes os novos canones, os novos ideais e os novos pontos *incontroversos* são uma abissal antitese dos da epoca imediatamente anterior. Para não exemplificarmos abundantemente, bastará lembrarmo-nos do romantismo e do realismo ou do parnasianismo e do simbolismo. São correntes maciçamente antitéticas. Cada uma delas tem da vida, da beleza, da eternidade concepções opostas. Cada uma delas vê, á sua maneira, os problemas da forma, os problemas da ética, os problemas dos valores propriamente afectos á literatura, etc. Não cabe aqui fazer uma enumeração desses problemas e estudar aquilo em que eles divergem ou se opõem. Qualquer historia da literatura mostrará essas divergencias e oposições. Isto quere dizer, portanto, que cada uma destas correntes ou epocas literarias tem a sua doutrinação particular: cada uma delas teve os seus estetas e os seus criticos. Eça de Queiroz soube muito bem expôr, na sua conferencia do Casino, aquilo que entendia por «realismo». Eugenio de Castro, no prefacio do livro *Oaristos*, expôs com veemencia os designios do «simbolismo». Para se estudarem as caracteristicas destes dois movimentos — realismo e simbolismo — é, pois, indispensavel saber em que consistiam para cada um deles a beleza, a forma, a ética, os valores literarios, numa palavra. A doutrinação de Eça ou a doutrinação de Eugenio de Castro estão, por isso, estreitamente relacionadas com as correntes que eles de certo modo consubstanciam.

E' certo, portanto, que os ideais inamoviveis, os conceitos eternos da arte literaria, não estão, a maior parte das vezes, expressos nas obras doutrinarias daqueles homens que representam directamente correntes criadora de novos valores literarios. Nessas obras ha muito de contingente: a contingencia intrinseca ao que obedece antes ao instinto criador que á razão critica. E' mais facil encontrar pontos de vista ainda hoje verdadeiros na obra de Moniz Barreto do que na doutrinação de Eça de Queiroz. Emquanto Eça, expondo os seus pontos de vista literarios, se fazia porta-voz de uma certa sensibilidade, Moniz Barreto, estudando a geração do proprio Eça, aplicava-lhe principios criticos independentes de qualquer corrente, filhos de uma cultura geral e de um juizo objectivo. Isto é: Moniz Barreto encarava os problemas literarios de um ponto de vista por assim dizer estranho ao seu tempo. O verdadeiro critico é, de facto, aquele que consegue descobrir nas obras mais diversas o formento de perpetuidade graças ao qual elas conseguem ultrapassar o momento em que germinam.

II — E' preciso vêr o mundo de além dêle

Não ficamos por aqui. Só agora começamos a aproximar-nos do nosso tema. Bem sabemos que um homem se não pode emancipar do seu tempo: um homem é fruto de muitas contingencias temporais. O meio, a educação, a hereditariedade — que sei eu? — podem influir nas suas ideias. Mas uma coisa é preciso não esquecer. O verdadeiro pensador, o verdadeiro critico, direi mesmo o verdadeiro artista, não é aquele que se deixa esmagar pelas contingencias temporais: não é o homem vegetativo. O verdadeiro pensador, o verdadeiro critico, o verdadeiro artista precisa de se elevar acima das contingencias. O que na sua obra perdura não é o que nela se pode dizer de certa e determinada época, de certa e determinada nação, de certo e determinado meio. Perdura nela exactamente o contrario. O verdadeiro pensador deve deixar-nos um pensamento verdadeiro para todas as épocas e para todas as latitudes. E' sua missão pensar contra o contingente, contra o fortuito, contra o falivel. E' sua missão mostrar-nos que o homem pode ser superior a si proprio. O pensador de nobre estirpe é aquele em cuja obra não ha verdades para um certo momento, mas verdades para todos os momentos. Ao contrario do que se dá com o politico cujas verdades só são verdades para o momento em que governa, as verdades do pensador são para todos os tempos — para a eternidade.

Este pensador é aqui tomado em sentido amplo: abrange o critico, o moralista e todos os homens que reflectem sem intervir na vida. Eis por que tudo isto se aplica áquele que no nosso tempo lançou as bases de uma critica literaria eterna. Refiro-me a André Gide. E' certo que Gide, como artista, está preso a valores de época: atravessou uma fase simbolista, teve o seu quê de wildeano. Isso não importa. Isso só diz respeito ao Gide criador literario. Não é esse que está em causa. O nosso Gide é o Gide critico. As suas ideias sobre a literatura são intemporais. Toda a sua critica se baseia num elemento fundamental: o estudo do humano na obra literaria. Olhando para o passado, Gide mostra-nos quais as obras que perduram e nelas nos mostra os elementos que as tornam perduraveis. Gide tem o seu repertorio de principios eternos: o individualismo da criação literaria, o universalismo dependente desse mesmo individualismo, a arte com o fim em si mesma, um humanismo estético a-moral, a-social, a-politico. Numa palavra: deve-se a Gide uma concepção da arte literaria tão ampla, tão compreensiva, tão humana, que nela cabem todas as obras em que se expresse de qualquer maneira o génio individual. Não ha nesta concepção restrições morais, sociais, politicas, religiosas, nacionais. Ha uma só restrição: para Gide e todos aqueles que o têm por mestre uma obra literaria só é uma obra de arte quando nela se revela uma individualidade. O testemunho humano — a afirmação de uma realidade consistente, encarnação de tudo o que no homem é ele proprio e mais aquilo que o transcende como filho de uma epoca, de um povo, de um momento — tal testemunho: eis o sinal graças ao qual podemos dizer estar diante de uma obra de arte capaz de desafiar as modas, capaz de desafiar as éticas, capaz de desafiar os pequenos e transitorios interesses humanos.

III — A lição de André Gide

Uma geração houve em Portugal que ouviu a lição de André Gide. A par das suas concepções literarias directamente relacionadas com principios criadores: uma certa noção de poesia, uma certa noção de romance, uma certa noção de teatro — tal geração procurou elaborar um programa critico onde coubessem as obras de todos os tempos e os autores de todos os partidos literarios. Para isso pôs como premissa detoda a arte e revelação humana individual. Para tal geração a verdadeira arte não catequisa, não moraliza, não apregôa elixires. Quaisquer que sejam os intuitos moralizadores das obras de arte, só uma arte subsiste—a que revela o homem.

Sejam quais forem as preocupações temporais que assoberbam os artistas, só uma coisa permanecerá: a expressão da individualidade humana com os seus problemas eternos, as suas eternas interrogações. Que nos ficou da *Odisseia*? Clamores, sociais? Protestos politicos? Não: ficou-nos a propria *Odisseia:* a dedicação de Penélope, a perseverança de Ulisses, etc. Que nos ficou do *D. Quixote?* A imagem dos problemas temporais do homem no tempo de Cervantes? Não. A potencialidade da imaginação humana, a cegueira maravilhosa que transfigura o homem e o mundo. A obra de arte é um espelho do homem em frente da aventura da vida. A' obra de arte pedem-se absolutos: verdades para todos os tempos, para todos os homens. O mais, é episodico; o mais, só dura o tempo que durar o estado de carencia. As obras que exprimem as aspirações dos homens que fizeram a Revolução Francesa só interessam na medida em que exprimem aspirações que a Revolução Francesa não pôde satisfazer. Por isso mesmo *As Confissões*, de Rousseau, são uma obra de arte eterna e os discursos de Mirabeau efémeros discursos politicos.

André Gide ensinou-nos tudo isto. Certa geração portuguesa pôs-se a combater a arte utilitaria, moralista, pragmatica, humanitaria, essa arte que serve mas não oria. Passaram anos. Quando essa geração julgava vêr surgir outra comandada por um impeto criador que levasse mais longe as suas aspirações de compreensão intelectual e a sua profunda simpatia humana, vê, pelo contrario, despontar uma geração toda preocupada com a moralidade da arte e o seu rendimento utilitario. Quere dizer: voltamos para traz. A superior compreensão da obra de arte que Gide preparara é hoje alvo de um ataque grosseiro. Incapaz de uma literatura criadora, compreensiva.

Ao genio criador podem perdoar-se incompreensões criticas: o genio é cego. E' imperdoavel, porém, não se ser criador nem critico. Essa geração de jovens consome-se a si mesma, esteril sem penetração, petulante sem originalidade. Mas não haverá em tudo isto um grande equivoco? Não será a arte para estes jovens um caminho errado, um mero atalho por onde procuram chegar a outros horisontes? Se assim é, porque não deixam a verdadeira arte em paz?

IV — Moralidade á vista

Não sei se Antonio Botto escreveu o seu livro *Não é preciso mentir* (Editora Educação Nacional, Porto, 1939) com o intuito de ser lido por crianças. Pelo menos não nos adverte disso. Ainda bem. E' mais facil que nós nos deixemos interessar por uma literatura com a moralidade á vista do que as crianças. Dizia não não sei quem que as crianças só gostam de obras primas; por isso lêem os contos de Perrault e as *Viagens de Gulliver*. Eis no que as crianças são mais perspicazes do que os homens. De facto, é tão irrisoria uma literatura com intuitos moralizadores ou pedagogicos como uma literatura utilitaria. O homem não gosta que lhe imponham modelos. Gosta dos herois, mas porque os herois são loucos no seu heroismo: exaltam o proprio homem, sem o obrigarem a pôr dieta no instinto. Eis porque uma literatura condimentada com moral tal como a do ultimo livro de Antonio Botto se arrisca a não agradar nem aos homens nem ás crianças. *Não é preciso mentir* é uma obra constituida por pequeninos apologos, breves parabolas, rapidas fabulas. Alguns dêstes trechos são tão rapidos e tão carregados de moralidade nas suas breves linhas que se lêem sem amor. Alguns ha em que se contam historietas com uma certa fantasia. São os que se lêem com mais curiosidade. Ha ainda outros—poucos—em que a poesia vem á superficie. Outros ha em que aflora uma certa ironia. Nem todos são, contudo, originais, embora a todos Antonio Botto tenha emprestado o seu estilo—direi melhor: o seu vocabulario. Na verdade, o que é propriamente de Botto nêste livro é a adjectivação, a preferencia por certas palavras usadas já na sua poesia uma que outra imagem com sabor proprio. Mas, já uma vez o disse, não tenho receio de o repetir: o estilo de Botto só na poesia é verdadeiramente pessoal. Pelo menos na prosa falta-lhe segurança e o ritmo tão original da poesia. Ha neste livro alguns trechos já publicados noutros livros. Por exemplo: *Aparencias, Um Copo de Leite, Elegia,* foram insertos no volume *Dar de beber a quem tem sêde.* Com que intuito os teria republicado Antonio Botto? Para avolumar a obra? Talvez os seus leitores não gostem muito disso. De resto, a edição é cuidada, muito elegante, como todas as edições marcadas pelo bom gosto indiscutivel de Antonio Botto.

JOÃO GASPAR SIMÕES

RETRATO DE PORTUGAL

(Continuação da 1.ª pagina)

sição dos portugueses para a especulação intelectual, sendo sintomatico que o escritor mais dotado para a criação romanesca tenha confessado faltarem-lhe teses, numa epoca em que a Europa debatia todos os problemas sociais, cientificos, filosoficos ou religiosos. Dir-se-á que era o país que não lhe oferecia problemas ou teses a debater, mas a verdade é que Portugal, como qualquer outro país, era um territorio a explorar, com um povo a descobrir psicologicamente, e questões latentes a trazer para a discussão ou para a analise. Queixa-se um ensaista de que o «pedagogismo» dos portugueses impede a nossa criação literaria de ser universal. Mas a verdade é que os escritores portugueses só poderão criar obras universais quando trabalharem com o material humano de que dispõem, que é o material português como ele é, e não como os pedagogistas desejariam que ele fôsse.

Um dos espiritos novos dotado de maior acuidade de visão, o critico literario Pedro de Moura e Sá, dizia-nos, ha tempos, pouco mais ou menos o seguinte: «O defeito da vida mental portuguesa é a falta de temas. Precisamos de temas de estudo ou de discussão». Mas não existem esses temas, ou somos nós que os evitamos? Todo o ensaismo espanhol moderno anda á roda de um unico tema: a Espanha, e na analise dele se tornou notavel a ponto de constituir um capitulo, não só da historia da literatura espanhola, mas da historia da inteligencia. E' certo que esse tema se divide em muitos outros e que alguns deles atingem um interesse humano universal (basta citar o tema do *Quixote*), mas isso não deve fazer cair no erro, por tantos cometido, de julgar o português menos digno de interêsse psicologico. De facto, o caracter espanhol impõe-se mais á atenção, bastando lembrar o facto, já por nós apontado, de John Dos Passos, descendente de portugueses, ter dedicado á Espanha um livro: *Rosinante to the road again*, além dos *croquis* madrilenos do seu volume de poesias: *A pushcart at the curb*. Ainda não ha muito, de regresso de uma nova visita á Espanha, em plena guerra civil, o mesmo escritor norte-americano, respondendo a um colaborador das *Nouvelles Littéraires* que aludia á sua ascendencia portuguesa, declarava não ter interêsse por Portugal, não lhe despertar o nosso país interesse psicologico. Em comparação com o espanhol, de caracter tão acentuado, o português parece, efectivamente, um povo sem caracter. Mas é que o caracter português consiste, precisamente, na dispersão que deriva da sua capacidade, não só de adaptação mas de comunhão humana, naquela faculdade de «dissolução» de que fala Gilberto Freyre.

A verdade é que o português, menos embora que o espanhol, interessou Keyserling, e provocou algumas observações dêsse filosofo não tão desprovidas de razão quanto as julgaram certos portugueses mais susceptiveis do que conscientes do que seja Portugal. Mas o que é, na realidade, Portugal? Eis um tema que proponho não só a Moura e Sá mas á nossa geração, um tema a tratar por varios escritores numa especie de inquerito, ou melhor, num trabalho a realizar por uma *équipe*. O que é que os escritores portugueses de hoje pensam sôbre Portugal-povo e Portugal-cultura, qual a classificação exacta do nosso caracter e do nosso genio, qual a definição, enfim, da nação a que pertencemos? Quando um escritor estrangeiro, como o alemão Friedrich Sieburg no livro *O Novo Portugal (Retrato dum velho país)*, livro, por vezes, tão discutivel e tão errado, mas, outras vezes, tão exacto e tão penetrante, como na analise daquilo que nos diferencia da Espanha; quando um escritor estrangeiro como esse alemão pregunta, na tradução francesa do seu livro: «Qui sont ces portugais et qu'est-ce que le Portugal considéré comme personnalité?», devemos saber responder cabalmente. E será esse o caso? Parece-nos que não.

Por que é o português, entre todos, um povo colonizador? Evidentemente porque suporta biologicamente melhor outros climas, porque se adapta, se mistura (criando uma raça intermedia, mais apta) e porque, lembrando-se da patria (da sua terra), sofrendo, embora, a nostalgia, fixa-se para onde vai. E porque não é nele a nostalgia suficientemente forte para o fazer regressar? Porque a saudade é uma forma de ter presentes as coisas distantes. Mas a saudade, que um grande poeta quis absurdamente transformar em filosofia nacional, foi já, por acaso, estudada sob esse aspecto?

Que valor representativo tem, na realidade, o fado? Sabemos nós avaliá-lo, sem exagêro negador ou sem exaltação apaixonada? E, no entanto, se não é um elemento da nossa *psyché*, é um facto na vida nacional, e importa, portanto, definir-lhe a importancia. A mesma consideração merece o manuelino e, de uma maneira mais ampla, o nosso barroquismo segundo Eugenio d'Ors. O que ha de verdade e o que é exagêro de caricaturista, o que tem de circunstancial e de permanente a figura simbolica do «Zé Povinho», criada por Rafael Bordallo com a materia plastica popular portuguesa? Sabemos nós, ao certo, se o português é um povo triste ou alegre? Paulo Prado, no seu notavel *Retrato do Brasil*, considerou o caracter português como um dos elementos da «tristeza brasileira». Mas outro ensaista do seu país, Eduardo Frieiro, respondeu-lhe com alguma razão: «Não, o Lusiada não é triste. Muito pelo contrario. Dificilmente se achará povo mais jovial e expansivo. A alegria da gente lusitana é viva, desabotoada, comunicativa; alegria de gente que ama acima de tudo a saborosa piada, a «facécia antiga portuguesa, sinceramente lôrpa e bôa», como lá diz o Camilo».

Uma interrogação nos perturba: a excessiva importancia dada aos problemas puramente nacionais, como este, provirá da falta de verdadeira importancia universal do país, como disse o escritor brasileiro Mario de Andrade num artigo que consagrou a um livro sobre este mesmo tema, intitulado *Psicologia de Portugal?* Mas não será esta uma maneira de encarar o Universo?

JOSÉ OSORIO DE OLIVEIRA